



works 2010-2020

CICLOTRAMA

Janaina Mello Landini

CICLOTRAMA

de Janaina Mello Landini

Ciclotrama é um neologismo inventado por Janaina Mello Landini para se referir à pesquisa que a artista vem desenvolvendo desde 2010.

Trabalhando com fios e cordas, ela cria instalações site-specific que ocupam o espaço de maneira imersiva.

Para a artista, uma Ciclotrama é uma seção de um ciclo contínuo e binário, é uma estrutura esquemática com característica hierárquica, composta de partes interdependentes e atua entre a sintopia máxima e o lado entrópico e oposto do mesmo sistema composto por unidades indivisíveis.

A ideia principal do artista é criar uma experiência física de tensão, uma abstração matemática ou ainda, retratando redes imaginárias, que definem espaços e recontam narrativas. A cartografia social das redes individuais mostra a interconexão infinita das trajetórias pessoais em um sistema, na sociedade e no mundo como um todo. O movimento dos corpos (cordas) e a relação entre ritmo e tempo também são aspectos fundamentais dessas séries.

Sobre a artista:

Nascida em São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brasil. Vive e trabalha em São Paulo.

Graduou em Arquitetura em 1999 e cursou Belas Artes de 2004 a 2007, ambas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

Sua produção artística abrange seu conhecimento de arquitetura, física e matemática e suas observações sobre o tempo, para tecer sua visão de mundo. Seu trabalho transita entre diferentes escalas - do objeto aos espaços públicos.

Nos últimos anos, mostrou seu trabalho em exposições no Brasil, Itália, Inglaterra, França, Estados Unidos, Holanda, Japão, Colômbia, entre outros lugares. Ela participa de várias coleções como Fondation Carmignac, BIC Collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.

Ciclotrama is a invented word by Janaina Mello Landini to adress to the ongoing project the artist has been developing since 2010.

Working with threads and strings, she creates site-specific installations that occupy the space in an immersive and unexpected way.

For her, a Ciclotrama is a section of a continuous and binary cycle, it is a schematic structure with a hierarchical feature, composed of interdependent parts, performing between the utmost sintopia till the opposite entropic side of the same system composed by indivisible units.

The artist's main idea is to create a physical experience of tension, a mathematical abstraction or even, depicting imaginary networks, which defines spaces and retell narratives. The social cartography of individual networks shows the infinite interconnectedness of personal trajectories throughout a system, society, and the world as a whole. The movement of bodies (ropes) and the relationship between rhythm and time are also fundamental aspects of these series.

About the artist:

Born in São Gotardo, Minas Gerais (1974) Brazil, lives and works in São Paulo.

She graduated in Architecture in 1999 and studied Fine Arts from 2004 to 2007, both in the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Brazil.

Her artistic output encompasses her knowledge of architecture, physics and mathematic and her observations about time, to weave her worldview. Her work transits between different scales – from the object to public spaces.

In recent years, he has shown his work in exhibitions in Brazil, Italy, England, France, United States, Netherlands, Japan, Colômbia, among other places. She participates in several collections such as Fondation Carmignac, the BIC collection, Corinne Ricard, Sérgio Carvalho, Graeme W. Briggs, Jorge Gruenberg and Shom Hinduja.





Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 20 (wave)

2.7 m x 6 m x 4 m

20 m de corda de sisal, 3" de diâmetro e 10.000 pregos

20 m sisal rope, 3" diameter and 10.000 nails

2015

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil

Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"
Curadoria Paulo Miyada

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil

Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"
Curated by Paulo Miyada

CICLOTRAMA

text Paulo Miyada

Existem poéticas do espaço e espaços poéticos – e isso não necessariamente tem a ver com as habilidades compositivas de algum arquiteto. Existem também lugares de afeto e afeto por lugares – e isso tampouco remete sempre a alguma beleza inequívoca da forma dos espaços. É que, no caso das espacialidades, afetos e poéticas derivam de vivências e de modos de constituição, respectivamente. Neste aspecto, importa menos a morfologia do que os modos como os espaços se tecem e vestem.

Sem precisar teorizar sobre isso, Janaina Mello Landini se coloca a tecer e vestir o espaço como quem faz e desenrola uma corda. Melhor, como quem desfaz uma corda que se esparrama e gruda nas paredes. Gruda, posto que é linha, amarrando-se a pregos. Muitos pregos, muitas linhas. Cada linha, um prego; e uma só corda que emaranha os pontos de partida dos vetores que atravessam as distâncias entre as paredes.

Diante dessa corda desfeita, destrama, ciclograma de Janaina, é natural pensar na natureza das raízes das plantas, dos sistemas circulatórios dos corpos, das terminações nervosas dos neurônios, dos feixes elétricos dos raios e assim por diante. E para quem o natural é o campo das ideias, é fácil passar daí às teorias rizomáticas da filosofia pós-estruturalista.

Mas desaceleremos nas metáforas que nos são sugeridas pelos isomorfismos para pensar mais no que está sendo destecido. As ações subsequentes da artista promovem uma relação peculiar entre um objeto e sua posição no espaço como parte integrante e constituinte dele. Vejamos. Se há uma corda sobre o chão da sala, ainda que a corda seja grossa e longa, a diferença de escala entre a sala e a corda permite identificar entre elas uma relação entre continente e conteúdo, borda e objeto. Porém, à medida que a corda se desmancha, espalha seus ramais e descola-se do chão, ela – embora mais

There are poetics of space and poetic spaces - and this does not necessarily have to do with the compositional skills of any architect. There are also places of affection and affection for places - and nor does this always refer to some unmistakable beauty of the form of the spaces. The thing is that, in the case of spatiality, affections and poetics derive from experiences and from constitution modes, respectively. In this respect, the morphology is less important than are the ways in which spaces are woven and dressed.

Without having to theorize about this, Janaina Mello Landini weaves and dresses the space as one makes and unbraids a rope. Or better, as one who dismantles a rope which disperses and sticks to the walls. It sticks, since it is string, by tying itself to nails. Many nails, many lines. For each line, one nail; and one single rope entangling the starting points of the vectors that traverse the distances between the walls.

In face of this unbraided, unwoven, Ciclograma de Janaina, it is natural to think of the nature of the roots of plants, of the circulatory systems of bodies, of the nerve endings of neurons, of the electrical beams of rays and so on. And, for those to whom the natural is the realm of ideas, it is easy to go from there to the rhizomatic theories of post-structuralist philosophy.

But let's slow down on the metaphors which are suggested to us by isomorphisms, to think more deeply about what is being unwoven. The subsequent actions of the artist promote a peculiar relationship between an object and its position in space as an integral and constituent part of it. Let us see. If there is a rope on the exhibition room floor, even if the rope is thick and long, the difference in scale between the room and the rope allows for identifying between them a relationship between container and content, edge and object. But as the rope is dismantled, spreads its ramifications all

fina – se transforma de algo que está “contido por” para algo que constitui o espaço. A corda, ao ocupar o ar em suas ramificações, fina e frágil, dá conta de alterar a percepção da sala. Antes de notar a parede, antes mesmo de se dar conta de que existem paredes, as ciclotramas se apresentam como transparência e limite. Com efeito, não é possível entrar, pois elas fazem o espaço enquanto o tomam vorazes.

A poética desse espaço, então, só pode ser aquela do campo pleno, que se confunde com sua própria visibilidade, no caso a visibilidade resultante do adensamento das linhas que ligam suas paredes. Por um lado, não há espaço para o visitante, ele está excluído da relação em que continente e conteúdo se equiparam em escala e presença. Por outro, o olhar persistente pode atravessar o emaranhado, alcançando detalhes da arquitetura e se perder confundindo profundidades.

É e não é um vórtice. Na prática não é, porque as linhas não escoam para a corda, mas se expandem a partir dela, sucessivamente dividindo-se em progressão geométrica. Mas também é, como percepção, pois o olhar é tragado pela rede de fios. Quem quiser pode então perguntar: Trata-se de experimentação pura sobre as propriedades e possibilidades escultóricas de um material, a corda? Ou seria esta uma espécie de tratado empírico da natureza da percepção dos espaços? Ou uma metáfora de alguma narrativa implícita?

Respostas exclusivas parecem não caber bem no que diz respeito à arte, mas fico com a impressão de que o exercício da artista reflete, em primeiro lugar, os efeitos desorientadores que decorrem da transcrição para a realidade concreta de algo que, como modelo matemático, é muito simples. A cada bifurcação a linha se duplica – 2, 4, 8, 16... – e ao mesmo tempo divide sua espessura pela metade – 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$...

No limite, haveria o zero, infinitas linhas de espessura zero. Mas zero é coisa de abstração matemática. Na prática, a teoria é outra. Ao invés de fazer referência ao mínimo, o que a ciclotrama enreda é um todo envolvente e sinuoso que toma o espaço e os sentidos de quem a observa.

over the ground, it - although thinner – is transformed from something that is “contained by” into something that constitutes the space. The rope, by occupying the air in its branchings, thin and fragile, is able to alter the perception of the room. Before noticing the wall, even before realizing that there are walls, the Ciclotramas stand transparent and as a limit. Indeed, it is not possible to enter it, because they make the space while occupying it, voraciously.

Thus the poetics of this space can only be that of the filled field, which is confused with its own visibility, in this case the visibility resulting from the densification of lines connecting its walls. On the one hand, there is no room for the visitor, who is excluded from the relationship in which container and content are equivalent in scale and presence. On the other, persistent observation can see through the maze, reaching architectural details and can lose itself, confusing depths.

It is and it is not a vortex. In practice it is not, because the lines do not seep into the rope, but expand from it, successively dividing itself in geometric progression. But also it is, as a perception, because the perspective is engulfed by the network of threads. One then may wish to ask: Is this about pure experimentation on the sculptural properties and possibilities of a material, the rope? Or would this be some sort of empirical treatise in the nature of perception of spaces? Or a metaphor for some implicit narrative?

Exclusive answers do not seem to fit well with regard to art, but I get the impression that the exercise of the artist reflects, first and foremost, the disorienting effects arising from the transcription to concrete reality of something that, as a mathematical model, is very simple. At each junction the line doubles – 2, 4, 8, 16 ... – and at the same time divides its thickness in half – 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{4}$...

At the limit, there would be zero, endless lines of zero thickness. But zero is a thing of mathematical abstraction. In fact, the theory is different. Instead of referring to the minimum, what the cyclorama narrates is an entrancing and winding whole, which occupies the space and the senses of those who observe.

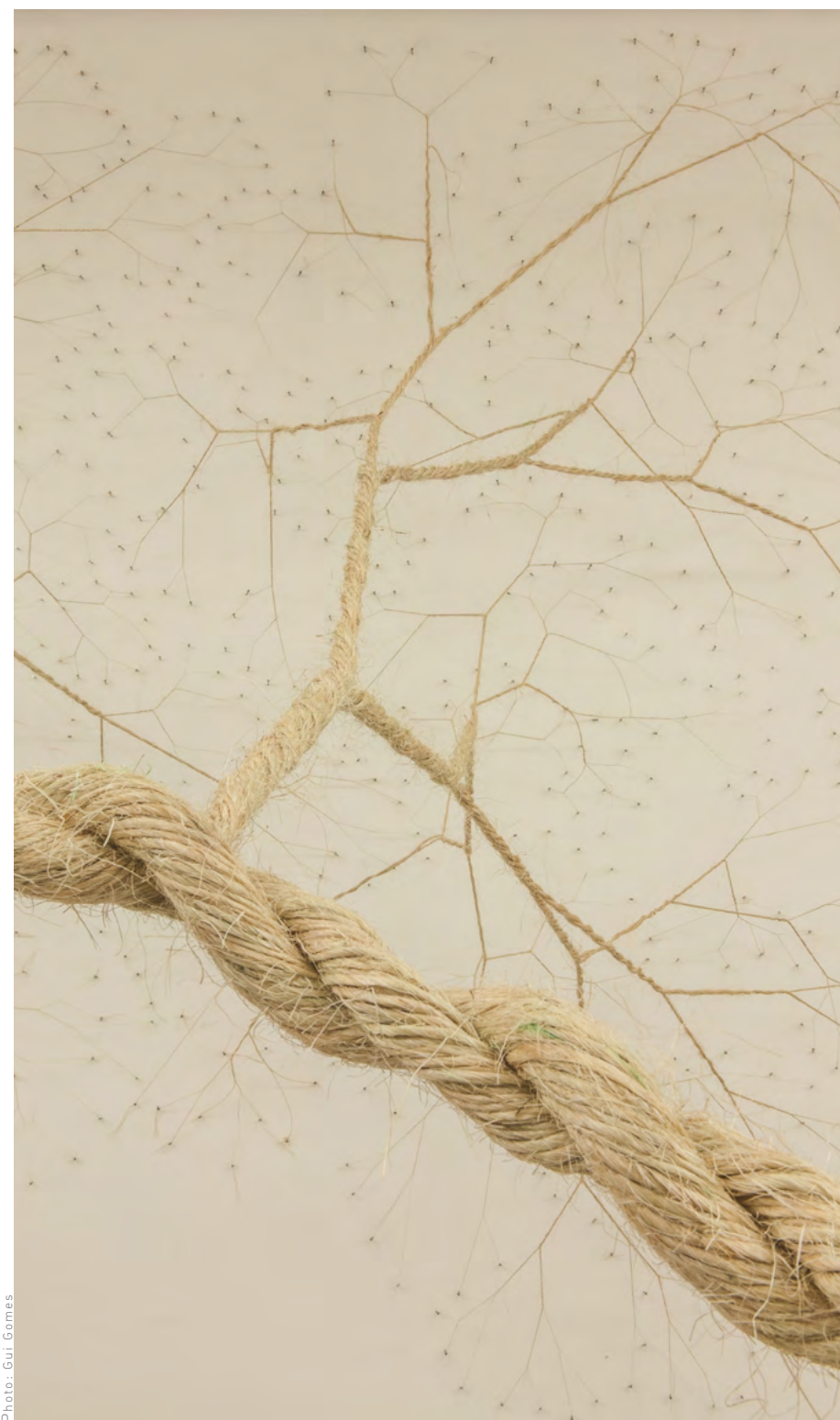


Photo: Gui Gomes



Photo: Gui Gomes



Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA

É e não é um vórtice a corda, mas se expõe a progressão geométrica trágica pela rede de experimentação pura de um material, a cor natureza da percepção narrativa implícita?

Respostas exclusivas mas fico com a primeira lugar, os e para a realidade complexa. A cada bifurcação tempo divide sua essência, infinitas linhas matemáticas. Na prática mínimo, o que a corda toma o espaço e os s



Photo: Gui Gomes

Aqui, agora. Right here, right now.

text Taisa Palhares



Em sua recente exposição na Zipper Galeria, a artista Janaina Mello Landini apresenta novas obras da série “Ciclotrama”, realizando pela primeira vez em São Paulo uma grande escultura ambiental especialmente concebida para sala principal da galeria. Como nos trabalhos anteriores, sua pesquisa se dá na intersecção entre diversos saberes e ciências, como arquitetura, geometria, anatomia, física, cartografia, escultura e desenho, criando com base em um raciocínio aparentemente simples estruturas rizomáticas que se imbricam e expandem por meio da ligação e cruzamento de linhas e pontos segundo uma distribuição dinâmica de forças.

Seu trabalho questiona as possibilidades de representação para além de um único ponto de vista, sobrepondo ao caráter ortogonal da tela e da arquitetura novas coordenadas espaciais que resultam em desenhos de formas orgânicas, de aparência fluida e maleável. Com isso, a artista produz uma “torção conceitual” do uso da geometria quando a trama, figura principal de seu trabalho, é realizada de maneira bastante calculada a partir de um conhecimento científico estabelecido de projeção e representação tridimensionais, mas visando um resultado pouco ortodoxo.

Para Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricou, pela primeira vez, sua própria corda, entrelaçando 1.440 fios de barbante comum. Com isso, ela conseguiu atingir um peso inédito de 120 kg, que deve ser distribuído a partir de um procedimento reiterado de divisão e bifurcação binária, em que por fim a corda será quase desfeita em subdivisões, gerando um total de 2.880 pontas que são fixadas na parede, e são responsáveis por dar sustentação à massa. Esses pontos, basicamente presos com fita crepe, dividem o volume de maneira proporcional, criando uma estrutura cuja estabilidade depende do cálculo exato de compensação de forças.

O resultado é um desenho espacial extremamente delicado, no qual a simplicidade (e por que não dizer precariedade) do material produz uma escultura de enorme potência visual. De alguma maneira, é como se a artista projetasse no aqui e agora as infinitas possibilidades de cruzamento existentes no espaço virtual, corporificando-as e nos convidando a deles participar. No entanto, se as leis da física e da geometria são capazes de dar segurança e estabilidade ao trabalho, Ciclotrama 141 (épura) parece apontar, em seu movimento de equivalências, para o aspecto instável, impermanente ou em constante transformação e reorganização das coisas no mundo. Por isso, essa trama que se expande por toda a galeria assemelha-se a um organismo vivo, como se o espectador, a cada nova visita, fosse capaz de contemplar um outro desenho, uma nova estrutura.

In her recent exhibition at the Zipper Galeria, the artist Janaina Mello Landini presents new works from the “Ciclotrama” series, showing for the first time in São Paulo a large site specific sculpture specially conceived for the gallery’s main room. As in her previous works, her research focuses on the intersection of several types of knowledge and sciences, such as architecture, geometry, anatomy, physics, cartography, sculpture and drawing, thus creating, on the basis of apparently simple reasoning structures, rhizomatic structures that overlap and expand by connecting and crossing lines and points according to a dynamic distribution of forces.

Her work questions the possibilities of representation beyond a single point of view, superimposing onto the orthogonal character of the canvas and architecture, new spatial coordinates that result in designs of organic forms, of fluid and malleable appearance. With this, the artist produces a “conceptual twist” in the use of geometry when the web, the main figure of her work, is created in a very calculated way from an established scientific knowledge of projection and three-dimensional representation, but aiming for an unorthodox result.

For Ciclotrama 141 (épura), Janaina Mello Landini fabricated, for the first time, her own rope, interweaving 1,440 yarns of common string. With this, she was able to reach an unprecedented weight of 120 kilos, which had to be distributed from a repeated procedure of binary division and bifurcation, in which finally the rope becomes almost undone through subdivisions, generating a total of 2,880 points that are fixed on the wall, and are responsible for supporting the mass. These points, simply attached with masking tape, divide the volume proportionally, creating a structure whose stability depends on the exact calculation of force compensation.

The result is an extremely delicate spatial design in which the simplicity (and why not say, precariousness) of the material produces a sculpture of enormous visual power. In some ways, it is as if the artist projected right here, right now the infinite possibilities of crossovers that exist in virtual space, embodying them and inviting us to participate in them. However, if the laws of physics and geometry are capable of securing and stabilizing the artwork, Ciclotrama 141 (épura) seems to point, in its movement of equivalences, to the unstable, impermanent, or constantly transforming and reorganizing aspect of things in the world. That is why the web that extends throughout the gallery resembles a living organism, as if the viewer, with each new visit, was able to contemplate another design, a new structure.



Photo: Guli Gomes



Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 141 (épura)

7 m x 8 m x 16 m

20 m de corda artesanal de algodão, 24cm de diâmetro e 2880 metros de fita crepe; barbantes azuis, vermelhos e verdes.

20 m of handmade cotton rope, 24cm diameter and 2880 meters of paper tape; blue, red and green strings.

2019

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"
Curated by Taisa Palhares



Nas quatro telas que fazem parte da presente mostra (intituladas Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) e estão expostas numa sala menor, a artista retoma o uso de cordas industriais, que destramadas são fixadas segundo o mesmo sistema de divisão, bifurcação e cruzamento das linhas. No entanto, aqui Janaina Mello Landini optou por utilizar como plano para superfície um tecido especial utilizado na fabricação de velas para embarcações náuticas. Nele, são bordadas coordenadas geográficas inspiradas em mapas antigos e atuais, antes que a artista instale as tramas em fio colorido. Novamente, o espaço real e o virtual se imbricam, criando um novo desenho, pois ao mesmo tempo que o bordado remete ao existente, a trama nos fala de um espaço imaginário que também pode ser real.

A sala das Ciclotramas está disposta de modo que as cordas em tons de azul e preto encontrem-se aglomeradas no centro, conectando todos os trabalhos. Esse amontoado sugere a existência de um núcleo de energia comum, ainda caótico, que tende à propagação, e que será organizado nas tramas sobrepostas de linhas na superfície das telas. Poeticamente, mostra-se a relação indissociável entre a parte e o todo, e a convivência de interdependência e autonomia mediante uma sutil correspondência de forças.

É interessante notar que também essas telas sugerem uma abertura à reorganização. Do ponto de vista teórico, a geografia trabalha com limites relativamente estáveis, ou que demoram muito tempo para serem redesenhados. Mas no mundo contemporâneo as relações e fluxos respondem a uma dinâmica especial, acelerada pela tecnologia. Podemos imaginar novos mapas geográficos criados cotidianamente pelo reinstauração de conexões diversas, para além das limitações do espaço físico. É evidente que essa liberdade de movimento nem sempre é bem acolhida por todos.

Contudo, a vontade de expansão, como a artista parece lembrar, faz parte da história da humanidade, sobretudo desde a Era Moderna. O desejo de mobilidade redesenhou o mapa geográfico e nos deu uma nova apreensão da terra com as Grandes Navegações, um fator decisivo para a formação de nossa visão de mundo. Hoje presenciamos um outro tipo de expansão, talvez menos real, e mais virtual. Mas que tem o mesmo poder de redesenhar nosso imaginário. De qualquer maneira, a forma plástica dos organismos vivos, que parece inspirar a artista, está presente tanto na natureza quanto na sociedade. Entender os contínuos rearranjos de nosso meio social e natural é um desafio mais do que atual. E também ter em mente a fragilidade de seu sistema de compensações recíprocas, que pode ser colocado em xeque por meio de qualquer movimento mais brusco, gerando um desequilíbrio irremediável.

On the four canvasses that are part of the show (entitled Ciclotrama 137, Ciclotrama 138, Ciclotrama 139, Ciclotrama 140) and are displayed in a smaller area, the artist makes use again of industrial ropes, which are unwoven and fixed according to the same system of division, bifurcation and crossing of threads. However, here Janaina Mello Landini chose to use as a surface plane a special fabric used in the manufacture of nautical boat sails. On it are embroidered geographic coordinates inspired by old and current maps, before the artist attaches the webs of coloured thread. Again, real and virtual space are interwoven, creating a new design, because at the same time that the embroidery refers to the existing, the web tells us of an imaginary space that can also be real.

The room with the Ciclotramas is arranged so that the ropes in shades of blue and black are clustered in the centre, connecting all the works. This hodgepodge suggests the existence of a common, still chaotic energy core that tends to propagate, and which will become arranged in the overlapping webs of threads on the surface of the canvases. Poetically, it shows the inseparable relationship between the part and the whole, and the coexistence of interdependence and autonomy through a subtle correspondence of forces.

It is interesting to note that these canvasses also suggest openness to reorganization. From the theoretical point of view, geography works with relatively stable boundaries, or that take a long time to be redesigned. But in the contemporary world relations and flows respond to a special dynamic, accelerated by technology. We can imagine new geographical maps created daily by the reinstating of diverse connections, beyond the limitations of the physical space. It is evident that this freedom of movement is not always welcomed by everyone.

However, the desire for expansion, as the artist seems to remind, is part of the history of humanity, especially since the modern era. The desire for mobility redesigned the geographical map and gave us a new apprehension of the Earth through the Age of Exploration, a decisive factor for the formation of our worldview. Today we see another kind of expansion, perhaps less real, and more virtual. But that has the same power to redesign our imaginary. In any case, the plastic form of living organisms, which seems to inspire the artist, is present both in nature and in society. To understand the on-going rearrangements of our social and natural environment is a more than current challenge. And also to think about the fragility of its system of reciprocal compensations, which can be put in check by a more abrupt movement, generating an irremediable imbalance.



Photo: Gui Gomes



CICLOTRAMA (expansão)
7 m x 8 m x 16 m

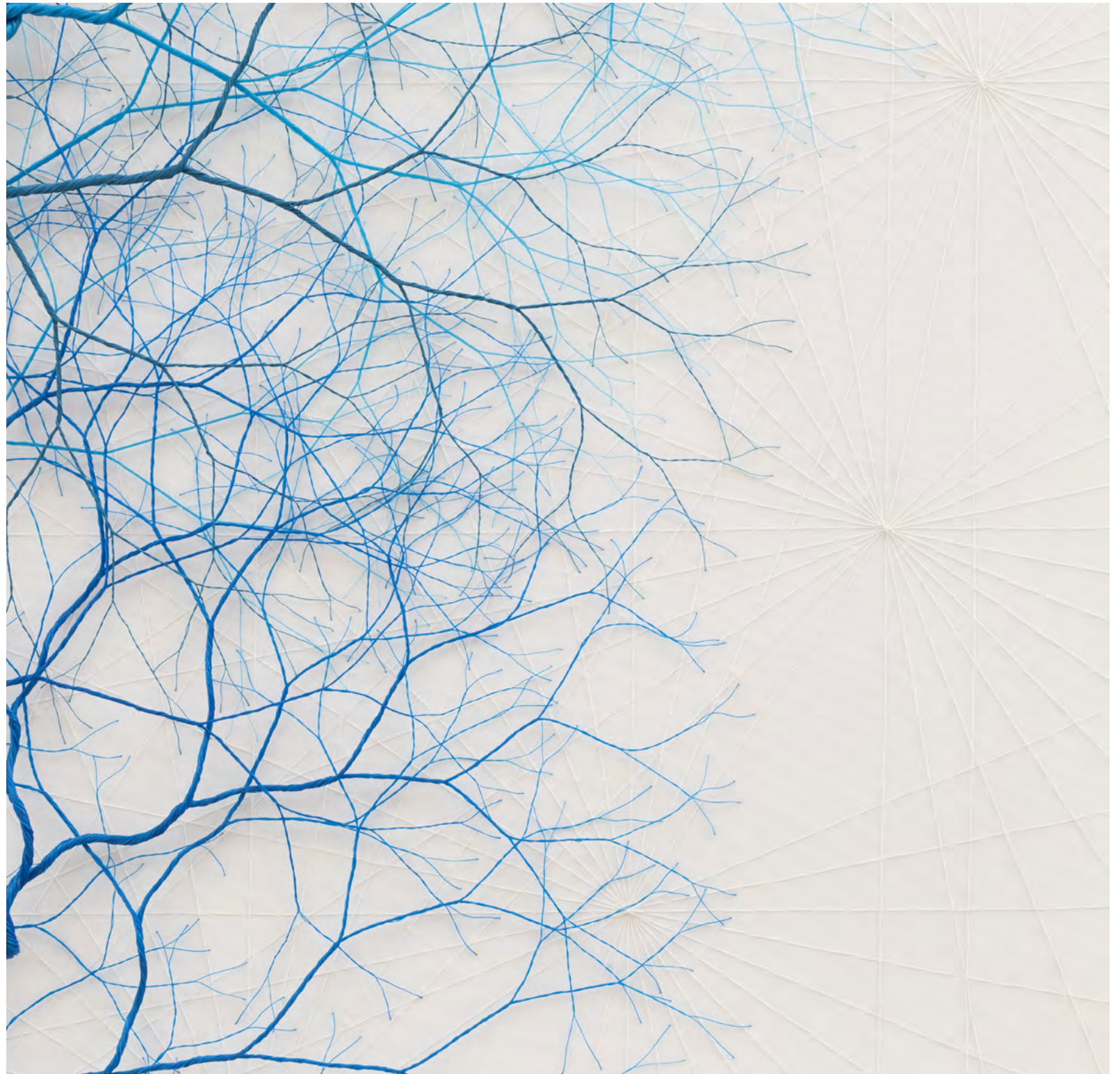
4 Ciclotramas da série "Expansão" de tamanhos variados

4 Ciclotramas of "expansion" series with varied sizes

2019

Zipper Galeria, São Paulo, Brasil
Instalação site-specific para a exposição individual "Aqui, Agora"
Curadoria Taisa Palhares

Zipper Galeria, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for solo show "Right here, Right now"
Curated by Taisa Palhares



Detalhe

As linhas das cartas nauticas de Portolano bordadas com fio branco sobre a vela de barco.

The lines of Portolan nautical charts embroidered in white thread on sailcloth.



Photo: Aurélien Mole



Photo: Aurélien Mole

CICLOTRAMA 36 (labyrinthe)

5 m x 14 m x 6 m

220 m de corda de nylon preta, 38mm de diâmetro
e 14 .000 pregos

220 m of nylon rope, 38mm diameter
and 14.000 nails

2016

Palais de Tokyo, Paris, França
Instalação Site Specific para exposição coletiva "Double Je"
Curadoria Jean de Loisy

Ciclotrama compartilha a sala com
Golden Snake de Mathias Kiss

Palais de Tokyo, Paris, France
Site-specific Installation for the group show "Double Je"
Curated by Jean de Loisy

Ciclotrama shares the space with the
Golden Snake by Mathias Kiss



Photo: Aurélien Mole

“Os três tempos

... Muda sua natureza e acrescenta suas conexões: nela, não há posições, só linhas.^[1]

No seu fazer artístico Janaina Mello Landini reconfigura as concepções da estrutura do tempo, no jogo das articulações do espaço. Cada um de seus trabalhos abrange três aspectos temporais que não podem ser esquecidos, e que, juntos, nos colocam ante um questionamento contínuo de estruturas aprendidas.

O tempo empírico, em primeiro lugar. Existe uma consciência do tempo como vivência. A fonte para as representações é a contemplação, a ação empírica do olho da artista sobre a paisagem onde vive.

(...)

O tempo abstrato. A formação como arquiteta faz com que Janaina planeje cada uma de suas instalações e peças como um projeto. Uma abstração que através de cálculos estruturais e matemáticos, formalizam as concepções surgidas na observação.

(...)

E, por último, o tempo histórico. Não o tempo da grande história, mas sim aquele que decorre na duração do trabalho manual, do tecimento da trama e da urdidura, aquele que provém da tradição das mulheres costureiras que lhe ensinaram a bordar.

Seria aquele tempo dos pontos de vista que se contrapõem à perspectiva histórica, comoalaria Maria Thereza Alves ^[2] ; ou que descreve Elizabeth Grosz, nas nomeadas arquiteturas do feminino, que baseadas no excesso, poderiam desestabilizar as noções patriarcais de espaço e tempo ^[3] . É esse mesmo tempo que relaciona o trabalho de Janaina com mulheres artistas que já antes teceram alternativas na sua produção artística: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnam ou Sheila Hicks. Nelas se reclama um olhar outro, fora do pensamento hegemônico para a aprendizagem do mundo.

*RAMOS-YZQUIERDO, Marta (2016)
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brasil

[1] Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982." October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.

“The Three times

... It changes its nature and adds its connections: In it there are no positions, only lines.. (1)

Janaina Mello Landini reconfigures in her art the conceptions of time frame in the game set of space. Each of her works carries three temporal aspects that cannot be forgotten, and which, together, put forth a continuous questioning of seized structures.

The empirical time, first and foremost. There is an awareness of time as experience. The source for representations is contemplation, the empirical action of the artist's eye on the landscape inhabited.

(...)

Abstract time. Janaina's architecture academic background leads her to plan each of her installations and pieces as a project. An abstraction which, through structural and mathematical calculations, formalizes the ideas risen in observation.

(...)

And lastly, the historical time. Not the time of the grand history, but the one running during the manual work, the weaving of the warp and woof, the one originated from the tradition of seamstresses who taught her to embroider. Small gestures thousands of times repeated. It would be the time of opposing points of views to the historical perspective, as would put Maria Thereza Alves (2) ; or the time described by Elizabeth Grosz in the named female architectures which, based on excess, could destabilize the patriarchal notions of space and time (3). It is this same time that relates Janaina's work to other women artists who have previously woven alternatives in their artistic production: Annie Albers, Louise Bourgeois, Teresa Lanceta, Gego, Claire Zeisler, Etel Adnan and Sheila Hicks. They all plead for another perspective for learning the world, outside of the hegemonic thinking.”*

*RAMOS-YZQUIERDO, Marta (2016)
Sintropic Maze / Janaina Mello Landini - Zipper Galeria São Paulo, Brazil

[1] Mônica Amor sobre a obra relação da obra de Gego e Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. "Another Geometry: Gego's reticulárea, 1969- 1982." October Magazine USA, Summer 2005.

[2] Maria Thereza Alves, Canibalismo no Brasil desde 1500, Periódico Permanente, n.4, 2013. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-4/textos/canibalismo-no-brasil-desde-1500>

[3] Elizabeth Grosz, Architecture from the Outside, The MIT Press Cambridge, 2001.



Photo: Aurélien Mole





CICLOTRAMA 50 (wind)
5.5 m x 1.4 m x 1.2 m

20 m de corda de Nylon, 24mm de diâmetro
e 4.100 pregos dourados

20 m of blue nylon rope, 24mm diameter
and 4.100 golden nails

2018

Fondation Carmignac,
Porquerolles, França
Instalação Site-Specific permanente
Curadoria Dieter Buchhart

Fondation Carmignac,
Porquerolles, France
Permanent Site-specific Installation
Curated by Dieter Buchhart



“Pegue uma corda e comece a desenrola-la. Desdobrando e desfazendo suas partes, muitas vezes, subdividindo os grupos fios em unidades cada vez menores e assim por diante. Continue a libertar esses impressionantes milhares de fios da sua trama original. Remova-os do seu peso e massa. E ao fim, o que temos? Um fio: uma indivisível unidade.

É através dessa desconstrução que a artista brasileira Janaina Mello Landini procura uma forma conectar os fios de nylon, dipado ou algodão das cordas que ela desfaz para enfim refaze-las. Desde 2010, esta lógica tem sido o coração da sua série entijucada Ciclotrama. Uma palavra que ela inventou e que pode ser definida como: uma trama construída a partir de uma sucessão de ciclos contínuos que poderiam tender a infinito. A evolução do seu trabalho atesta a complexidade da técnica em perpétua renovação, colocando de lado a aparente facilidade do processo.

As cordas que ela usam não só tramam em espaços arquitetônicos como também em telas de linho. Para essa arquiteta, entender o espaço é matéria condicional e guia a realização do seu trabalho em etapas. Os desenhos preliminares definem a lógica da estruturação e da forma da corda mas não definem o exato lugar de cada fio, deixando espaço para improvisos e surpresas durante a construção da Ciclotrama.

Seja no espaço tridimensional da arquitetura ou no plano da tela, o trabalho de Janaina Mello Landini expressa a mesma tensão: a fusão do espaço e do tempo. Explícita referência aos seus estudos em matemática e física. Tanto o suporte da tela ou o espaço é o receptáculo de uma sobreposição de camadas de fios trançados, ou como ela gosta de dizer, ciclotramados, criando um aspecto de espelho ao seu próprio sistema, como um fractal. Esta entrelaçamento de torções constroem um percurso que tem como resultado um arranjo de unidades de força.

A leitura desta trajetória recompõe a estrutura hierárquica desse perfeito equilíbrio considerando a interação de cada um dos fios. A artista não procura obter nenhuma forma específica deste agregamento de fios. O desenho final é livre à nossa própria percepção, interpretação e busca de significado. Formas naturais, árvores, órgãos humanos ... a visão da organização desses fios é transcendida por uma única e mesma dinâmica: a interconexão do movimento dos fluidos. E é precisamente estes fluidos orgânicos e naturais que refletem a base do trabalho de trabalho de Janaina Mello Landini. Neste combate corpo-a-corpo com o fio, ela modela seu movimento para clarificar que a transmissão de fluxos é similar a qualquer sistema. Como um palíndromo, seu trabalho oscila entre 2 ideias, uma entrópica relacionada a de desintegração do sistema, e uma entrópica, convergindo diferentes fatores ao equilíbrio, isso reflete a organização universal do mundo.

Do centro para a periferia, do mínimo ao máximo, esta é a interdependência entre o indivíduo e o coletivo que Janaina Mello Landini articula em seu trabalho.”

*Der Markarian, Diane [2018] Janaina Mello Landini, Aglomeração.

“Take a rope and start weaving it. De-dividing and unbundling its components, over and over again, until you succeed in subdividing its unit into units. Continue by freeing these thousands of imprisoned yarns from their twists. Remove it from its weight and mass. In the end, what do you have left? A thread: an indivisible unit.

It is through this deconstruction that Brazilian artist Janaina Mello Landini is looking for a way to connect the threads of the nylon, dipado or cotton strings she unweaves to finally weaves it again. Since 2010, this logic has been at the heart of his Ciclotrama series. A word she invented and which could be defined as follows: a succession of cycles (ciclo), wefts (trama) of threads unfolding in a continuous circle. The evolution of his work attests to the complexity of a technique in perpetual renewal, putting aside the apparent ease of this process.

The strings she uses do not just weave in space but on a canvas. For this architect by training, an understanding of space is a material condition that guides the realisation of her work in stages. A preliminary design defines the logic of the structure and shape of the rope but do not define the exact location of each thread, leaving room for improvisations and surprises during the construction of the Ciclotrama.

Whether it is a three-dimensional architectural space or a canvas surface, Janaina Mello Landini's work expresses the same tension: the fusion of space and time.

Explicit reference to her studies in mathematics and physics. The support of the canvas is therefore the receptacle of an overlay of thread levels whose general aspect creates a mirror effect of its own system. This intertwining of torsions creates a path which is the result of a structure of complementary force units.

The reading of this trace recomposes the hierarchical framework of this perfect balance that allows the interaction between each thread. From this aggregate of threads no form is really sought by the artist. The final performance gives free rein to our own interpretation. Our perception is thus free from any search for meaning. Natural forms, trees, human organs... the vision of the organisation of these threads is transcended by a single and same dynamic: the interconnection of the movement of fluids. And it is precisely these organic and natural fluids that form the reflexive foundation of Janaina Mello Landini's work. In this hand-to-hand combat with the thread, she models her movement to realize that the transmission of flows is similar to any system. Like a palindrome, her work oscillates between two entities, one entropic - deterioration of a system - and the other syntropic-converging action of different factors to the equilibrium; it reflects the universal organisation of the world, which according to the artist results from their relationship.

From the centre to the periphery, from the minimum to the maximum, it is finally the interdependence between the individual and the collective that Janaina Mello Landini brings together in her works.”

*Der Markarian, Diane [2018] Janaina Mello Landini, Aglomeração.



Instruções para uma Ciclotrama Pandêmica

Imagine uma Ciclotrama de escala planetária.
Ela começa no primeiro contágio e se amplia,
formando o curso real de infecção
das milhões de pessoas
que foram pegando e transmitindo a doença.
E continua.

Instructions for a Pandemic Ciclotrama

Imagine a planet-scale Ciclotrama
It starts from the first contagion and expands,
forming the actual course of infection
of millions of people
who were catching and transmitting the disease.
And keeps going...



Um Matupá é uma ilha de vegetação densa e flutuante encontrada nos lagos de várzea na Amazônia Central Brasileira.

A Matupá is a floating dense vegetation island found in floodplain lakes of the Central Brazilian Amazon.

CICLOTRAMA 142 (matupá)

7 m x 8 m x 16 m

6 Ciclotramas flutuante de 240cmx115cmx275cm e 1 Ciclotrama flutuante de 500cmx275cmx310cm fios de barbante de algodão cru sobre linho, argolas de metal e espelhos de acrílico.

6 floating Ciclotramas of 240cmx115cmx275cm and 1 floating Ciclotrama of 500cmx275cmx310cm with raw cotton threads on linen, metal rings and acrylic mirrors.

2019

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, França
Comissão especial para 2019
Temporada de Arte e Natureza
Curadoria Chantal Colleu-Dumond

Domaine de Chaumont-Sur-Loire, France
Special Commission for 2019
Art and Nature season
Curated by Chantal Colleu-Dumond





O que é 1?

O que há entre 1 e zero?

O que é fragmento?

Ou por exemplo, qual o tamanho do tempo?

O que é indivisível, computável, algorítmico, orgânico?...

Estas são algumas perguntas que norteiam o meu campo de interesse e me auxiliam a lançar um olhar matemático sobre os saberes, sobre o espaço e dentro da filosofia da natureza do mundo, que é criadora e ressonante.

As minhas mãos são as principais ferramentas no ato de Ciclotramar e trabalham solitárias, num processo íntimo com o material, na ação de desenrolar e re-enrolar todos os fios da extensão da trama, repetindo a mesma ação de separar os fios em dois grupos. Eles afinam na mesma proporção que são separados. Quando o gesto termina, aquele tempo resta tensionado no espaço.

Por um lado, Ciclotrama é a secção de uma trama cíclica, que é infinita em conceito. Por outro lado, a Ciclotrama constrói a dialética de um corpo-linguagem de abstrações matemáticas. Ela se desenvolve organicamente enquanto permeia outras lógicas.

Esta linguagem produz sentido na Ciência da Vida, por exemplo, pela dinâmica dos fluidos e responde pela forma das plantas, árvores e fractais, dos rios e da anatomia dos órgãos.

A mesma leitura por ser feita no campo na Biologia, sobre a organização dos organismos vivos através da Evolução da transmissão genética.

Na Física, experimentamos essa ideia manipulando peso e tensão.

E mais além, encontramos essa linguagem no campo da Sociologia, através da análise do comportamento social.

Podemos ainda falar da Tecnologia que se apropria desta estrutura para a criação e o aprimoramento dos algoritmos.

Estes e tantos outros campos que seguem a mesma lógica, são alimento potencial para novas perguntas e novos entendimentos sobre mundo.

Em última análise, não se trata aqui simplesmente de representar metáforas, mas sim de incorporar e corporalizar, no espaço físico, a experiência da compreensão intelectual, analítica e coreográfica da temática.

What is 1?

What is between 1 and zero?

What is a fragment?

Or, for example, how do you measure time?

What is indivisible, computable, algorithmic, organic?

These are some questions that guide my field of interest and support my mathematical point of view on knowledge, space, and within nature's philosophy of the world, which is creative and resonant.

My hands are the main tool in the act of "Ciclotramar" and work solitarily in an intimate process with the material, while unrolling and rewinding the threads of the weft extension, repeating the same action of separating the strands in two groups. They thin down proportionally as they get separated. When the gesture ends, the time remains tensioned in space.

In one hand, Ciclotrama is a section of a cyclic weave, infinite in concept. On the other hand it builds a body-language dialectic of mathematical abstractions. It develops organically while permeating other logics.

This language makes sense in the Life Science, for example, the dynamic of fluids and how it accounts for the shape of plants, trees and fractals, rivers and the anatomy of organs.

In Biology, the same dynamic occurs if you observe the organization of living organisms through the Evolution of genetic transmission.

In Physics, we experience this idea by manipulating weight and tension.

Furthermore, it is possible to observe this in Sociology, through the analysis of social behavior.

We can also talk about Technology, that appropriates this structure for the creation and improvement of algorithms.

These and many other fields that follow the same logic are potential fuel for new questions and new understandings about the world.

Ultimately, it is not merely about representing metaphors but of embodying and corporealizing in the physical space the experience of intellectual, analytical, and choreographic understanding of the theme.

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2020





Photo: Stefano Oliveira

CICLOTRAMA 28 (medusa)

3.75 m x 11.5 m x 2.5 m

60 m de corda de cânhamo, 24mm de diâmetro e 225 pregos

60 m of hemp rope, 24mm diameter and 225 nails

2015

Galleria Macca, Cagliari, Italy

Instalação site-specific para a exposição individual "Ciclotrama"

Galleria Macca, Cagliari, Italy

Site-specific Installation for solo show "Ciclotrama"





Photo: Emilie Mathe Nicolas

CICLOTRAMA 27 (bleu)

5 m x 2.5 m x 3.2 m

30 m de corda de nylon azul,
32mm de diâmetro
e 2.484 nails

30 m of blue nylon rope,
32mm diameter
and 2.484 nails

2015

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Instalação site-specific para
a exposição individual "Ciclotramas"

Galerie Virginie Louvet, Paris, France
Site-specific Installation
for solo show "Ciclotramas"

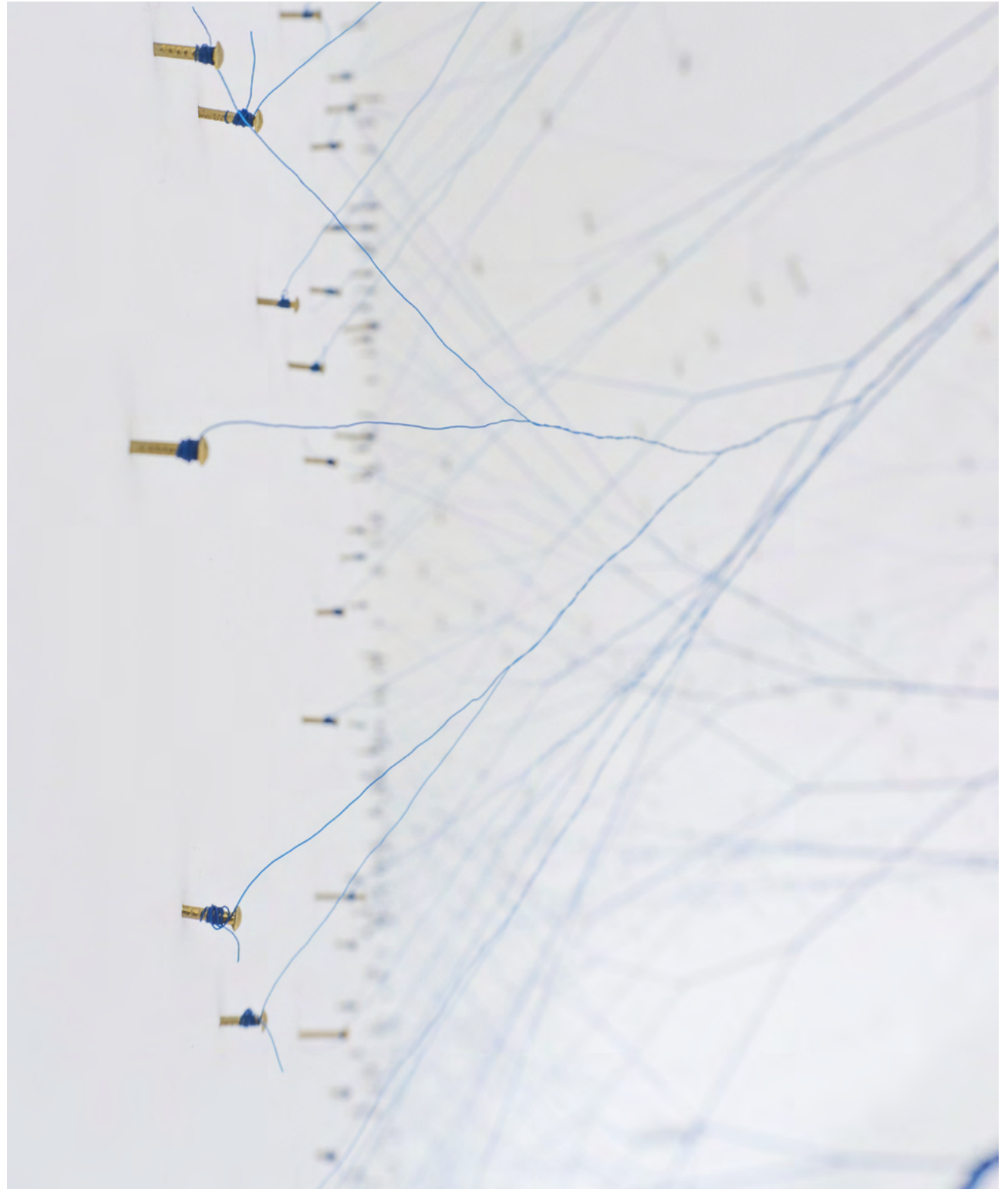
“Talvez o Tempo, como escreveu José Saramago, não seja como uma corda que pode ser medida nó por nó; Tempo é uma superfície oblíqua e ondulada onde apenas a memória pode chamar pra perto.

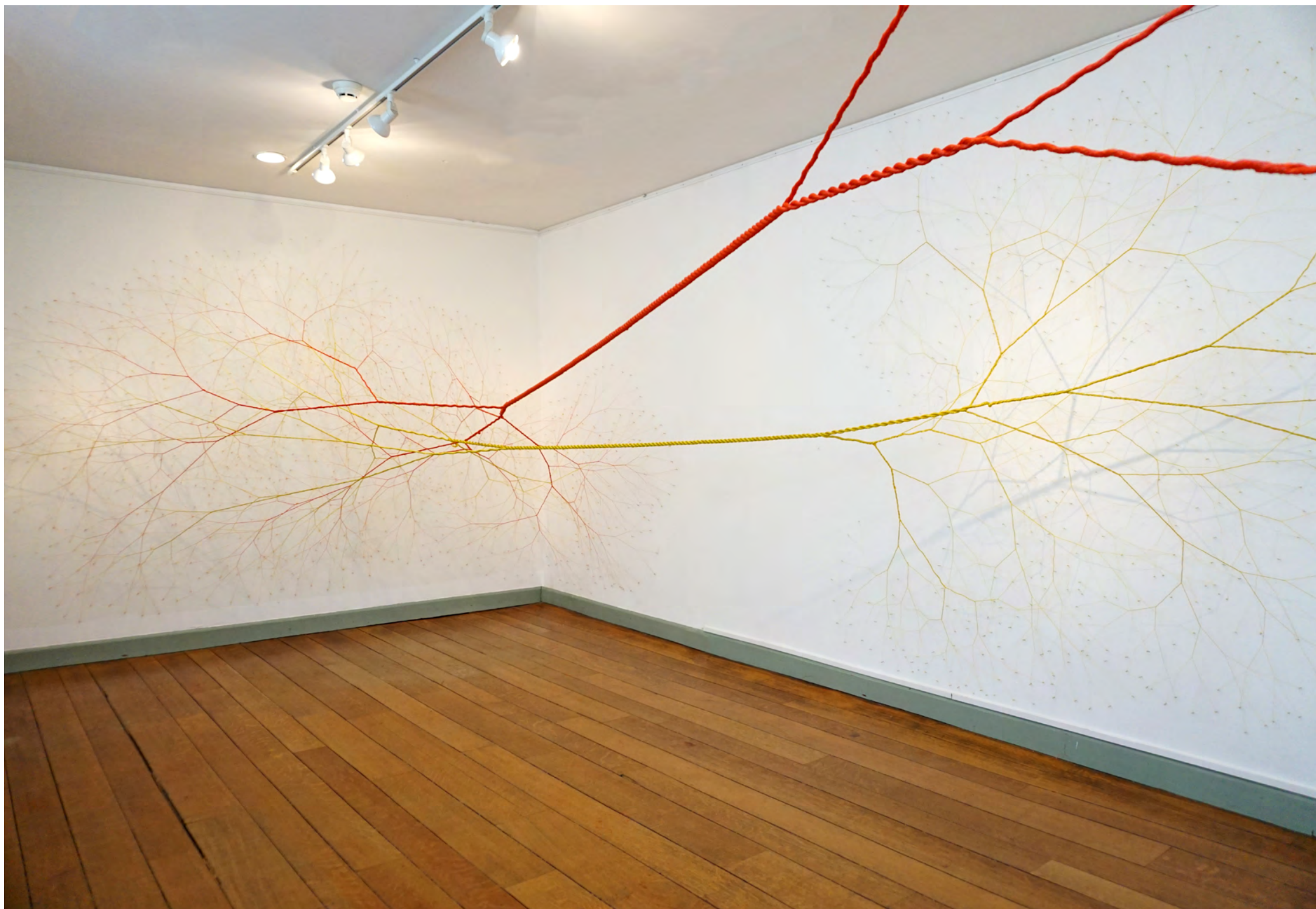
Mas em seu trabalho, Janaina conseguiu descrever melhor a relação entre Tempo e Espaço do que uma equação matemática, incluindo a variável emocional que afrouxa o cálculo frio e o transforma em poesia.”*

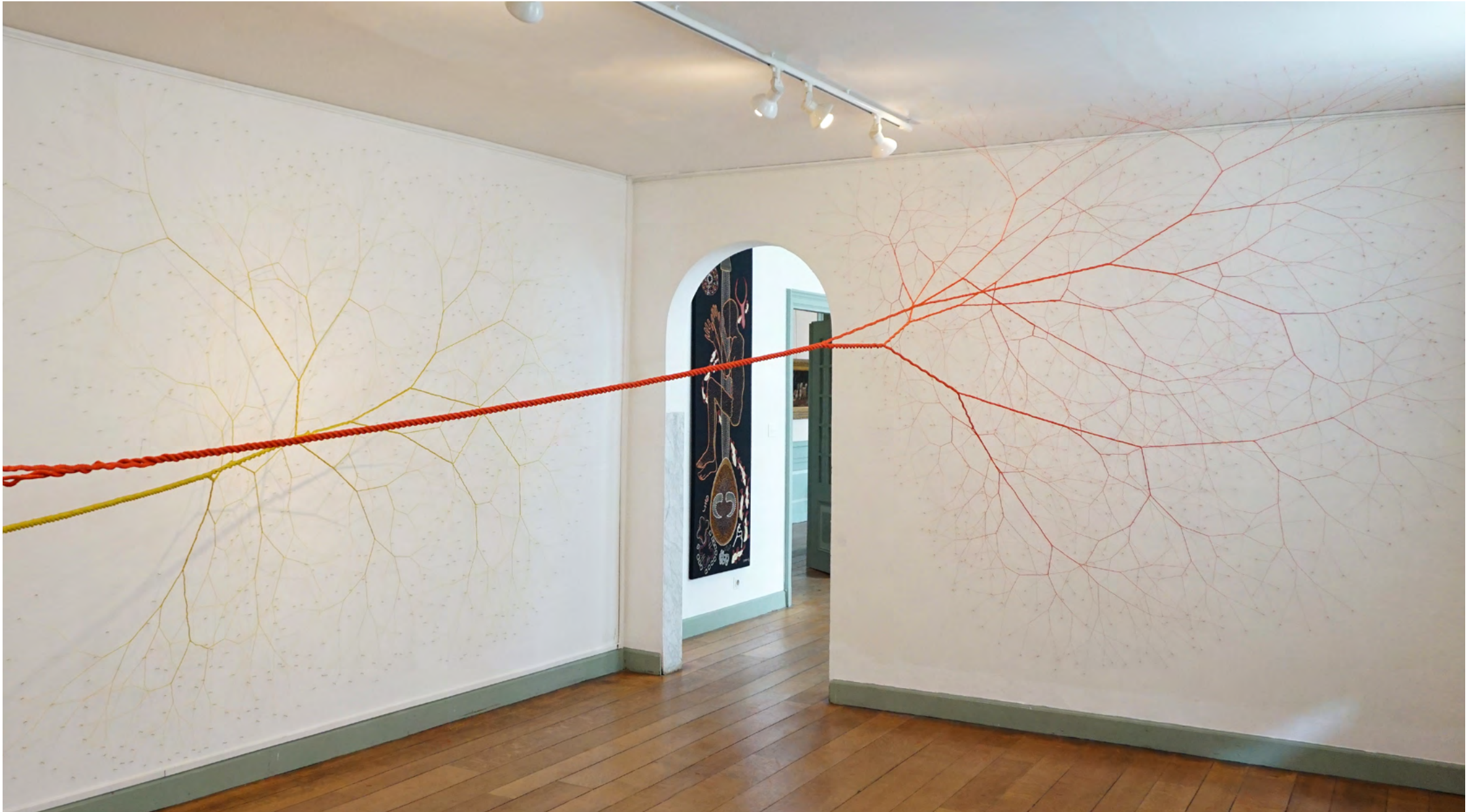
“Perhaps Time, as José Saramago wrote, is not a rope that can be measured knot by knot; Time is an oblique and undulating surface which only memory can call forth and approach.

But in her work Janaina managed to describe the relationship between Time and Space better than a math equation, including the emotional variable that loosens the cold calculation and transforms it into poetry.”*

*Carbone, Efisio [2017] Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space.







CICLOTRAMA 82 (intersection)

2.76 m x 4 m x 6.6 m

Duas cordas de nylon, 18mm de diâmetro, uma na cor amarela e outra na cor vermelha e 3.200 pregos dourados.

Two 18mm diameter nylon ropes, one yellow and one red and 3.200 golden nails

2017

Rijswijk Museum, Holanda
Instalação site-specific para a exposição coletiva
"Rijswijk Textile Biennial"
Curadoria Anne Kloosterboer

Rijswijk Museum, Netherlands
Site-specific Installation for the group show
"Rijswijk Textile Biennial"
Curated by Anne Kloosterboer



Photo: Mariah Tiffany



Photo: Mariah Tiffany





Photo: Mariah Tiffany

CICLOTRAMA 112 (link)

13 m x 8 m x 12 m

40 m de corda azul de nylon,
34mm de diâmetro
e 10.000 pregos

40 m of blue nylon rope,
34mm diameter
and 10.000 nails

2019

Facebook Art Program
Menlo Park | USA
Instalação Site-Specific permanente
Curadoria Jessica Shaefer

Facebook Art Program
Menlo Park | USA
Permanent Site-specific Installation
Curated by Jessica Shaefer

Photo: Mariah Tiffany





CICLOTRAMA (flutuantes)

7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes"
de tamanhos variados,
4 postes metálicos e fios.

6 Ciclotramas of "floating" series
with varied sizes,
4 metal posts and threads

2018

Marina da Glória,
Rio de Janeiro, Brasil
Instalação Site-Specific
Exposição coletiva "A arte delas"
Curadoria Marc Pottier

Marina da Glória,
Rio de Janeiro, Brazil
Site-specific Installation
Group show "A arte delas"
Curated by Marc Pottier





CICLOTRAMA (flutuantes)

7 m x 10 m x 10 m

6 Ciclotramas da série "flutuantes" de tamanhos variados,
4 postes metálicos e fios.

6 Ciclotramas of "floating" series with varied sizes,
4 metal posts and threads

2018

Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil
Instalação Site-Specific para a exposição coletiva
"SP Arte Open Space"
Curadoria Cauê Alves

Ibirapuera Park, São Paulo, Brazil
Site-specific Installation for the group show
"SP Arte Open Space"
Curated by Cauê Alves





Photo: Guli Gomes

“Como site-specific, a instalação da Ciclotrama é adaptável a qualquer espaço designado, portanto única; mas também efêmera em sua natureza irrepetível, uma Ciclotrama nunca é idêntica a outra.”*

“As site-specific, the Ciclotrama installation is adaptable to any designated space, hence unique; but also ephemeral in its unrepeatable nature, one Ciclotrama is never identical to another.”*

*Carbone, Efisio (2017)
Ciclotrama, a thoughtful story of Time and Space - Galleria Macca

CICLOTRAMA 174 (impregnação)

6m (altura / height) x 7m x 5m

50 m de corda preta de nylon, 40mm de diâmetro e 4.200 pregos pretos

50 m of black nylon rope, 40mm diameter and 4.200 black nails

2019

Instalação site-specific
Coleção privada
Itu, Brasil

Site-specific Installation
private collection, Itu, Brazil





Photo: Emilie Mathé Nicolas

CICLOTRAMA 130 (imprégnation)

2.84 m x 2.78 m x 2 m

8 m de corda de dipado, 40mm de diâmetro e 3.200 pregos dourados

8 m of Dipado rope, 40mm diameter 40mm and 3.200 golden nails

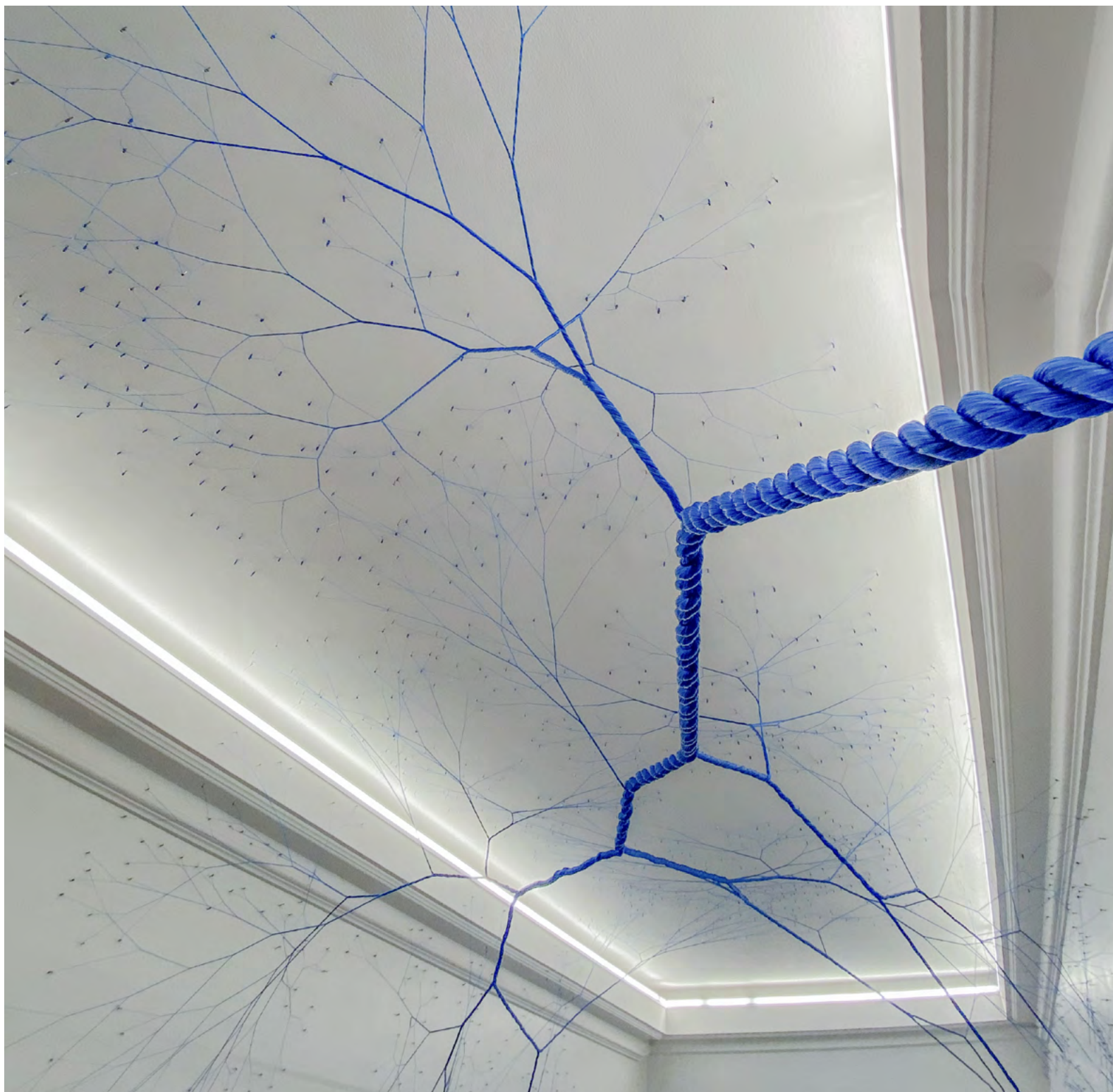
2018

Instalação Site-specific para
Collection Corinne Ricard,
Paris, França

Site-specific Installation
Collection Corinne Ricard,
Paris, France



Photo: Emilie Mathé Nicolas



CICLOTRAMA 175 (aglomeração)
2.84 m x 2.78 m x 2 m

15 m de corda azul
24 mm de diâmetro
e 1.833 pregos

15 m of blue rope
24 mm diameter
and 1.833 nails

2020

Instalação site-specific
Coleção privada
Cannes, França

Site-specific Installation
private collection,
Cannes, France





Photo: Gui Gomes

CICLOTRAMA 171 (impregnação)

3.55 m x 2.66 m x 3.25 m

12 m de corda de dipado, 40mm de diâmetro e 1.500 pregos dourados

12 m of Dipado rope, 40mm diameter and 1.500 golden nails

2019

Instalação Site-specific
coleção particular,
São Paulo, Brasil

Site-specific Installation
private collection,
São Paulo, Brazil





Photo: Eduardo Eckenfels

CICLOTRAMA 3

5.8 m x 10 m x 20 m

50 km de barbantes de algodão e 2.100 pregos

50 km of cotton threads and 2.100 nails

2012

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brasil
 Instalação site-specific para a exposição coletiva
 “@Nova Cultura Contemporanea”
 Curadoria David Quiles Guilló

CentoeQuatro Space, Belo Horizonte, Brazil
 Site-specific Installation for the group show
 “@Nova Cultura Contemporanea”
 Curated by David Quiles Guilló



Photo: Eduardo Eckentels

CICLOTRAMA 1

2 m x 5,4 m

8 km de fios variados e 1500 pregos

8 km of various threads and 1500 nails

2010

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brasil
Instalação Site-specific

Espaço 2010, Belo Horizonte, Brazil
Site-specific Installation



CICLOTRAMA 115 (writing)
180 cm x 260 cm

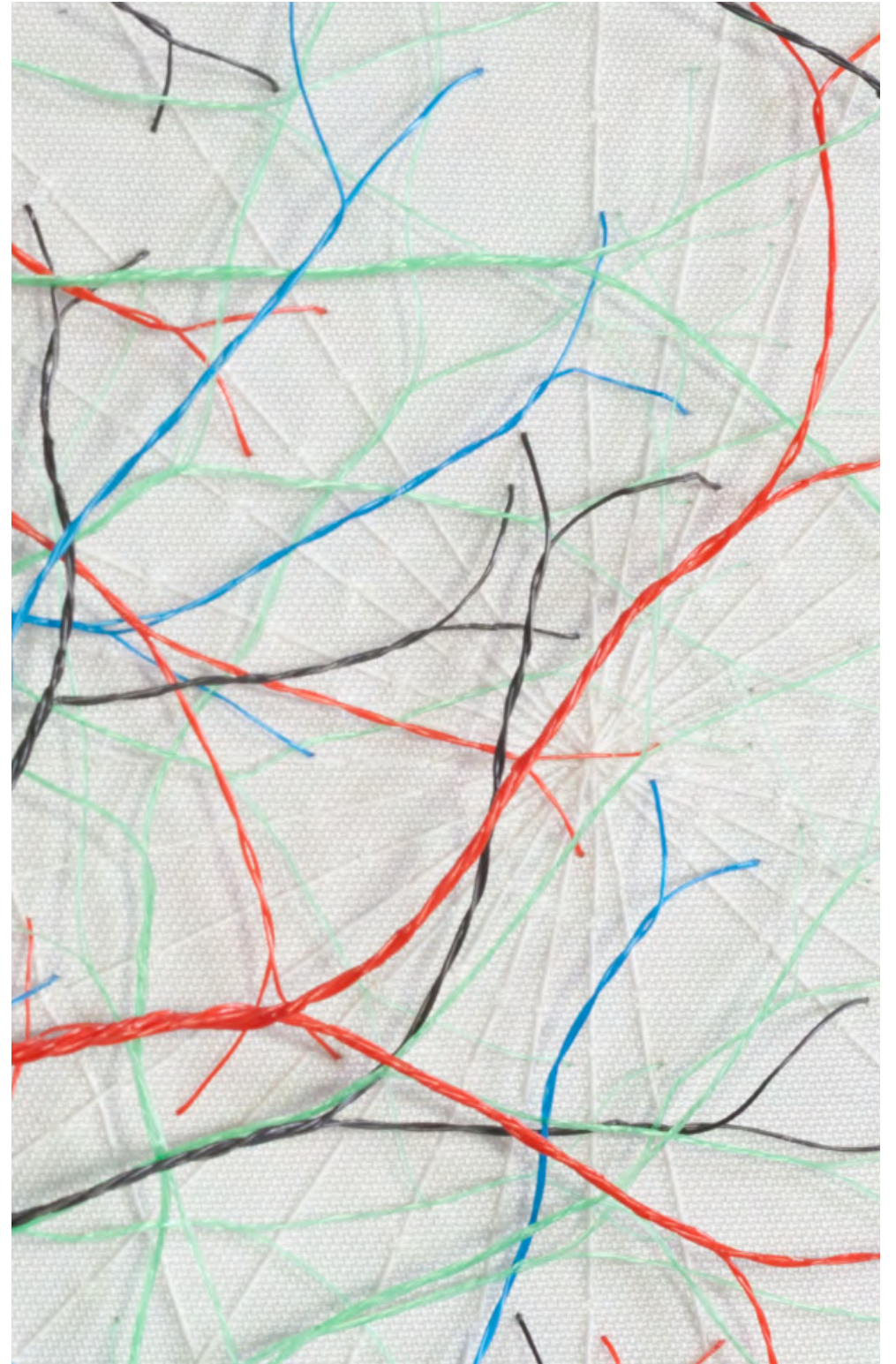
4 cordas, 24mm de diâmetro, verde, vermelha, preta e azul,
20 metros cada, sobre tecido de vela de barco e bordado.

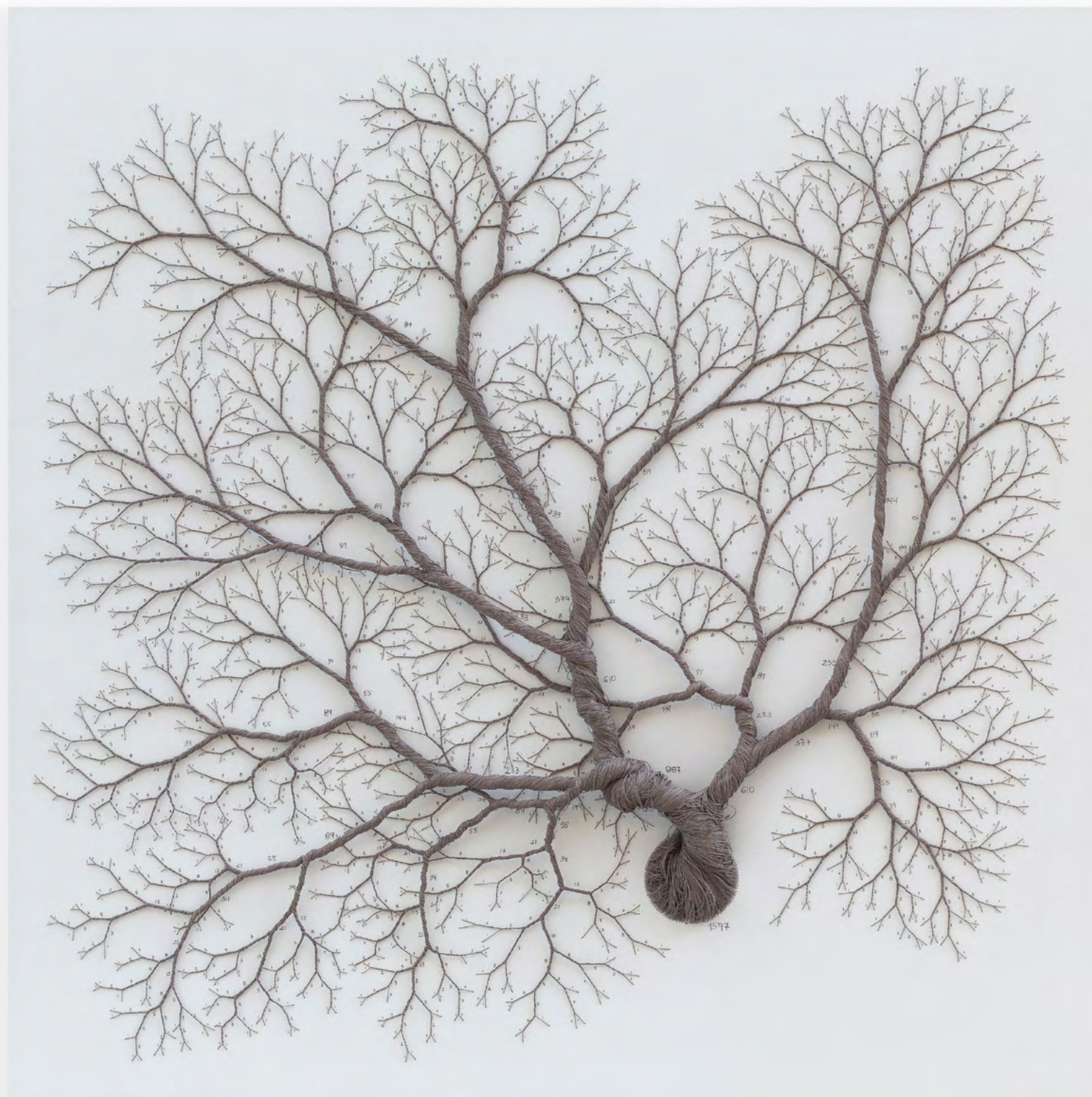
4 ropes, 24mm diameter, green, red, black and blue,
with 20m long each, embroidered on sailcloth.

2018

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, França
Instalação site-specific para a exposição coletiva "BIC Collection"
Curadoria de: Hervé Mikaeloff e Ingrid Pux

BIC Collection
CENTQUATRE, Paris, France
Site-specific Installation for the group show "BIC Collection"
Curated by: Hervé Mikaeloff and Ingrid Pux





CICLOTRAMA 177 (fibonacci)

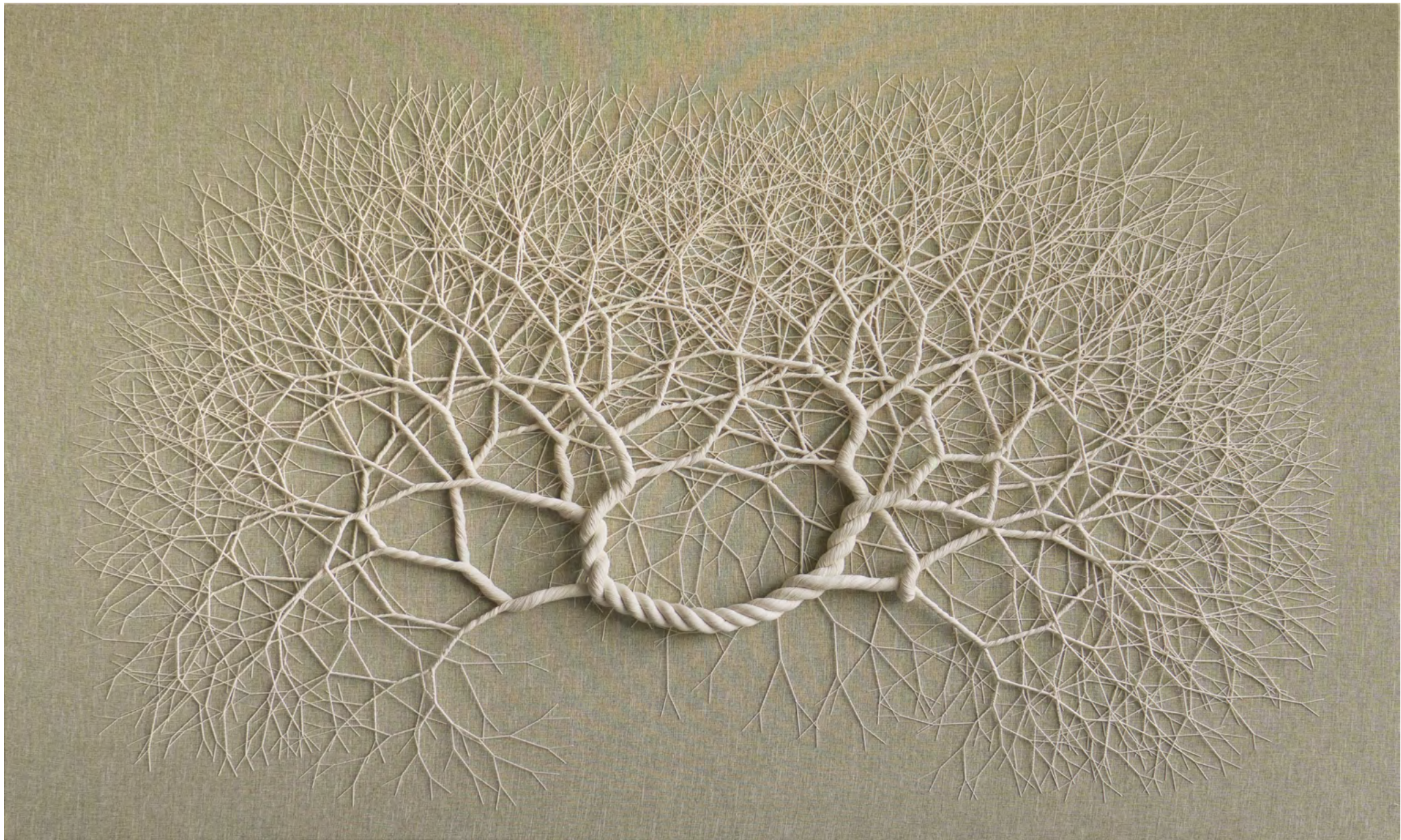
170 cm x 170 cm

Fios de algodão e caneta acrílica
cobre canvas

Cotton threads and acrylic pen on
canvas

2020





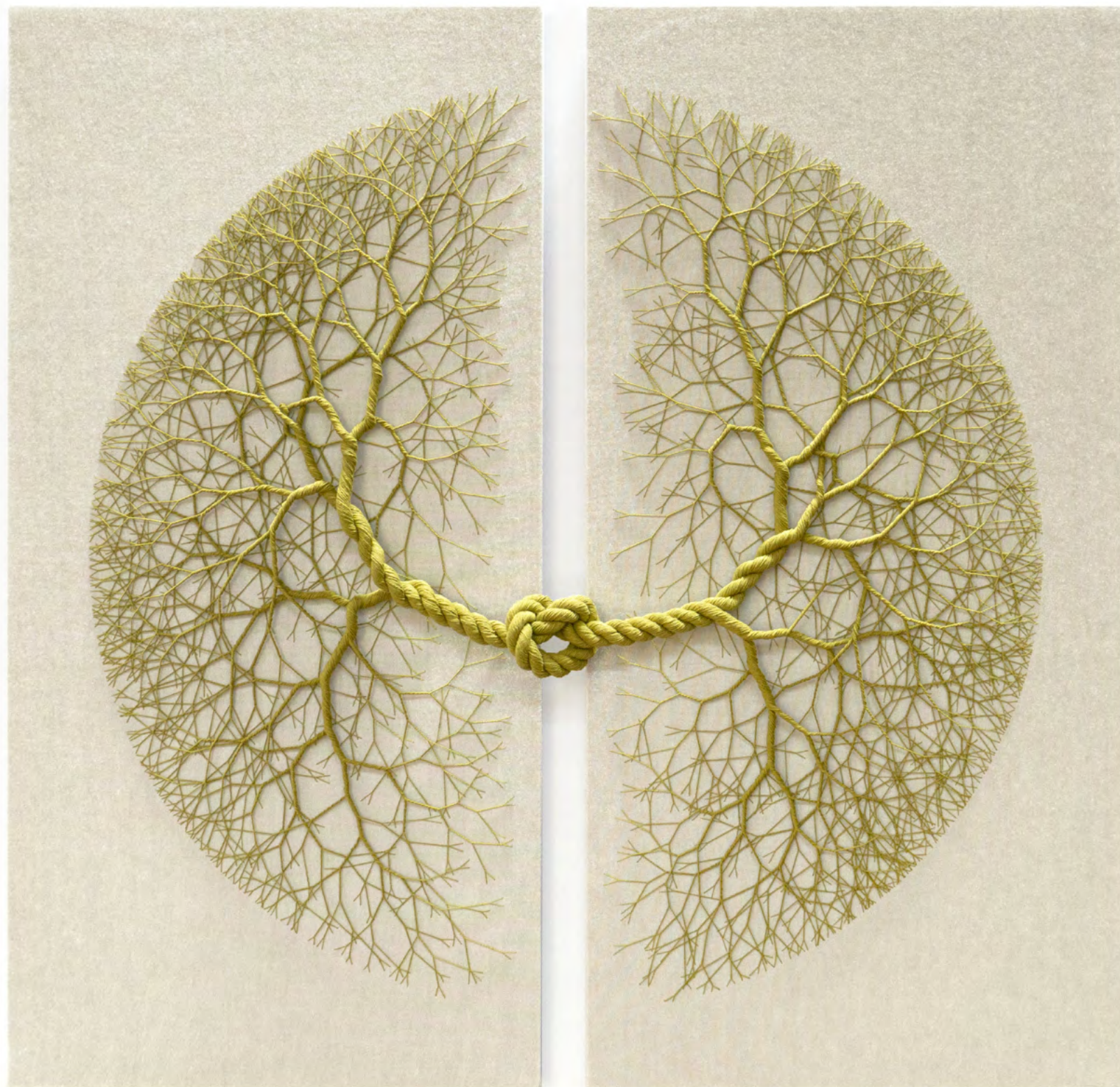
CICLOTRAMA 161 (palíndromo)

120 cm x 180 cm

corda artesanal de algodão, 24mm de diâmetro sobre linho

handmade cotton rope, 24mm diameter on linen

2018



CICLOTRAMA 172 (palíndromo)
138 cm x 138 cm (diptych)

corda atesanal de algodão sobre linho

handmade cotton rope on linen

2018



CICLOTRAMA 114 (vento)

200 cm x 200 cm

15 m de corda azul de nylon
24 mm de diâmetro
sobre vela de barco e
gancho de amarração para barco
em aço inox.

15 m of nylon rope
24 mm diameter
on sailcloth embroidered
and stainless steel cleat

2018

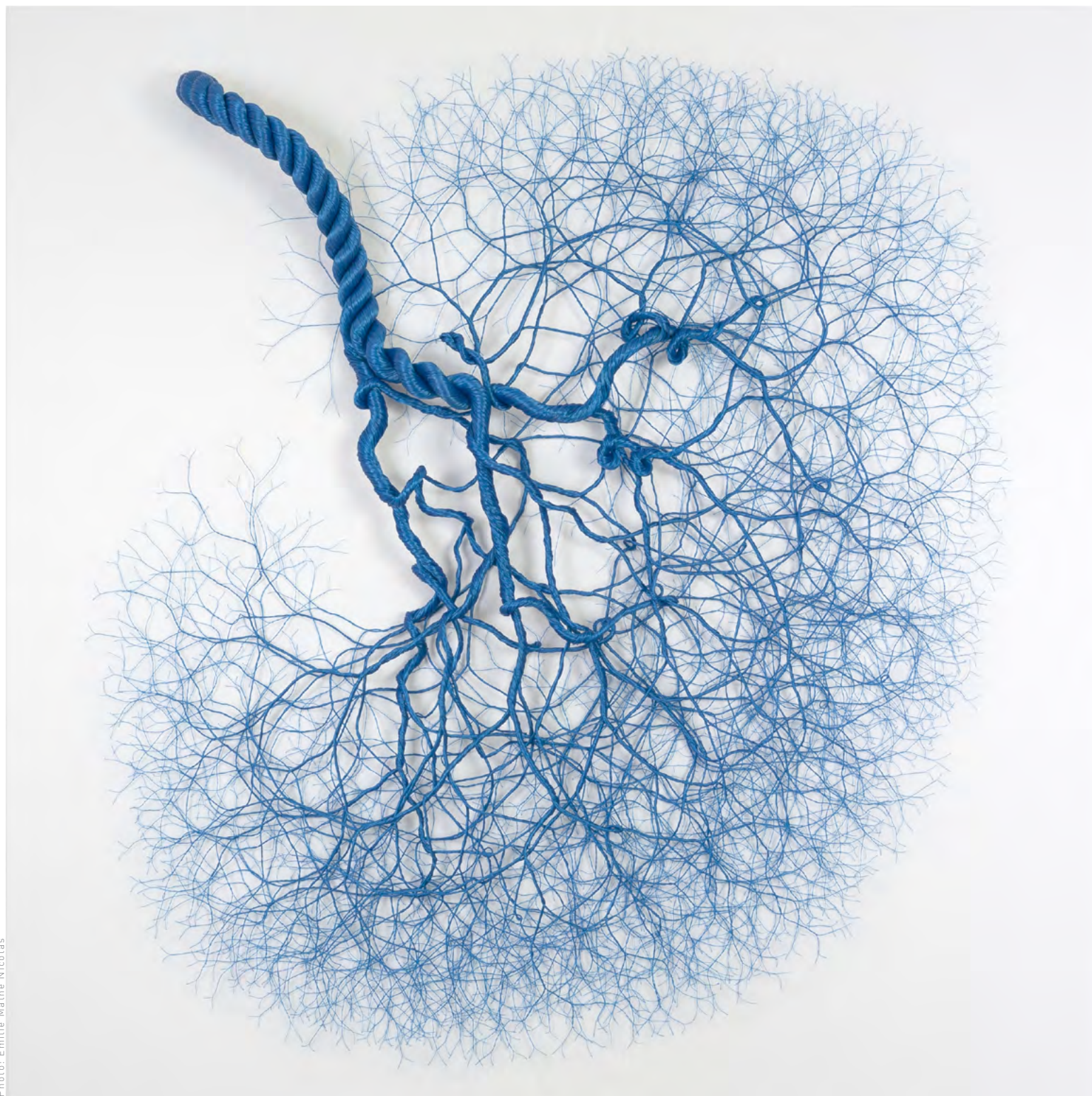
CICLOTRAMA 125 (aglomeração)
135 cm x 135 cm

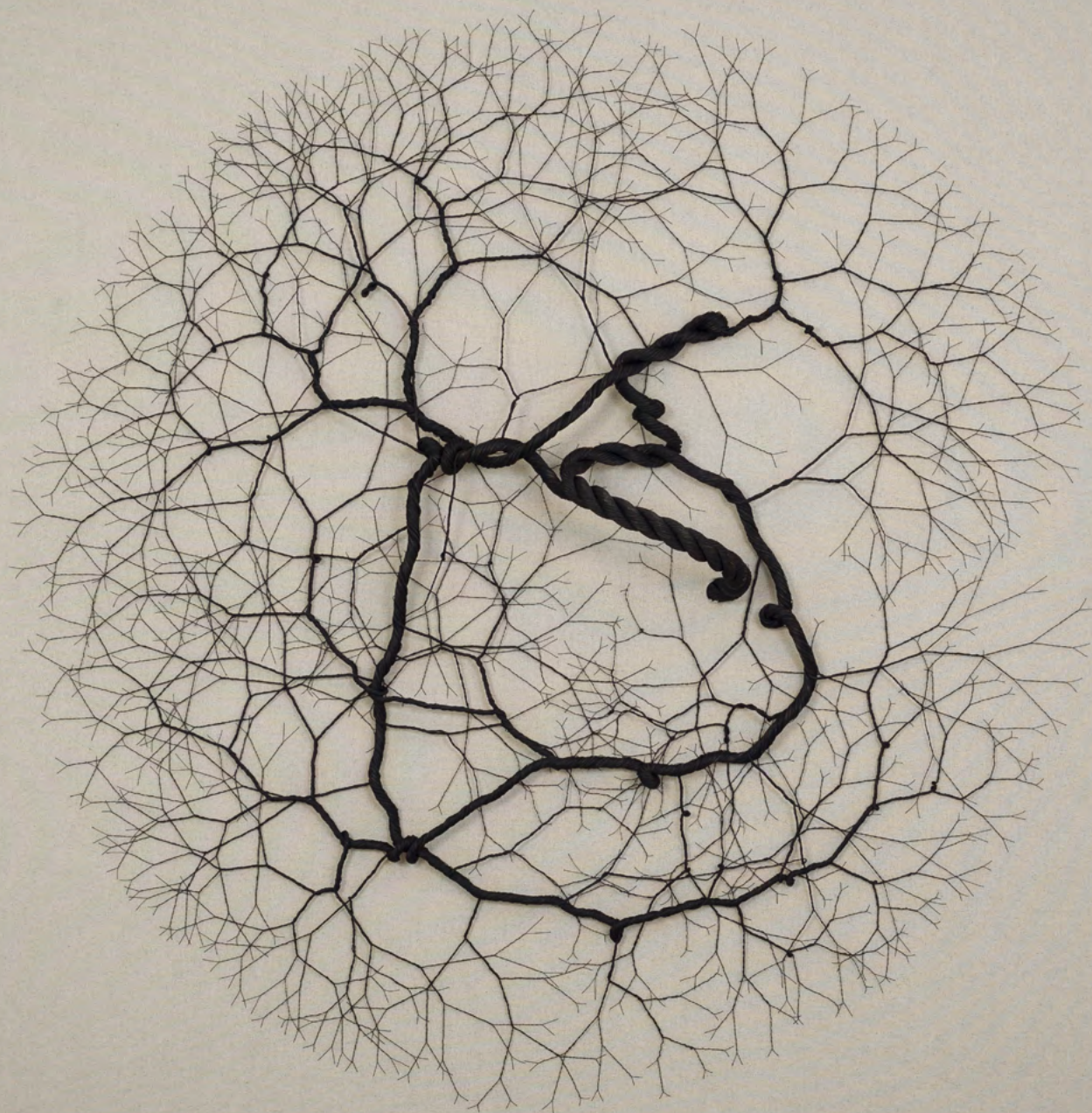
2 m de corda azul de nylon
45 mm de diâmetro
sobre vela de barco

2 m of nylon rope
45 mm diameter
on sailcloth

2018

Photo: Emilie Mathé Nicolas





CICLOTRAMA 126 (aglomeração)
200 cm x 200 cm

corda de dipado preta,
38mm de diâmetro
sobre linho rústico

black dipado rope,
38mm diameter
on raw linen

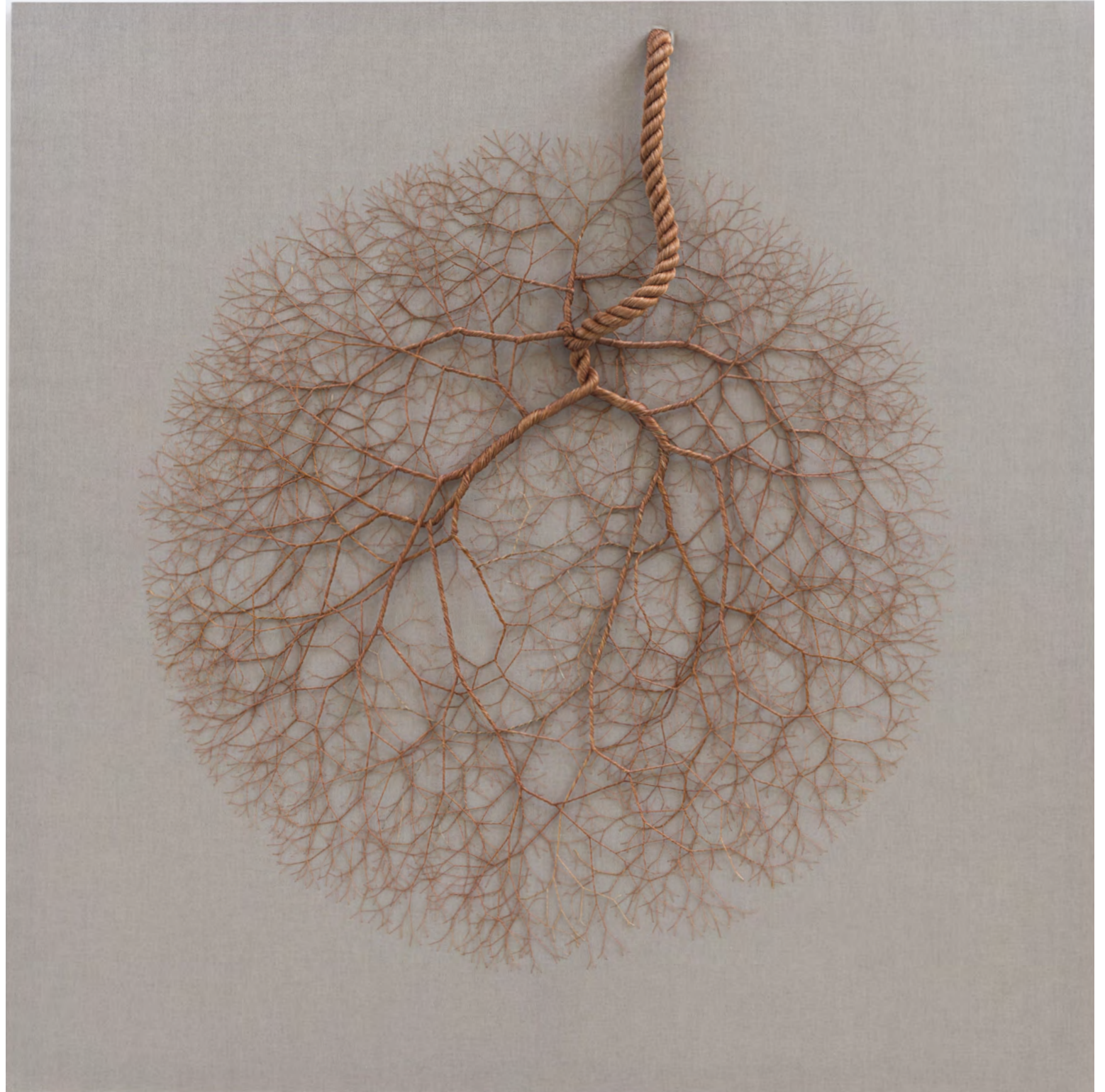
2018

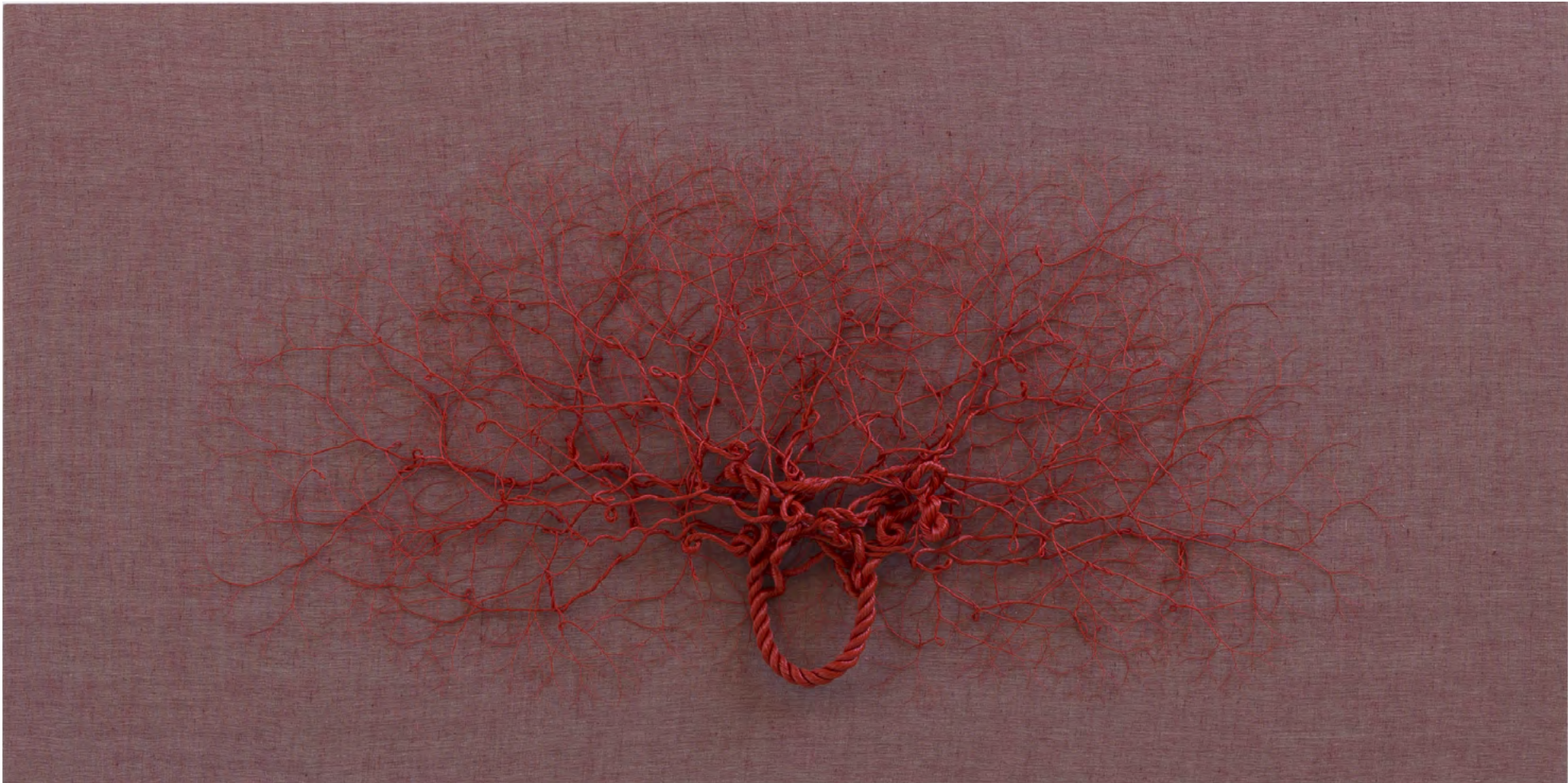
CICLOTRAMA 80 (aglomeração)
200 cm x 200 cm

corda de dipado cobre,
40mm de diâmetro
sobre linho rústico

dipado nylon rope,
40mm diameter
on raw linen

2017





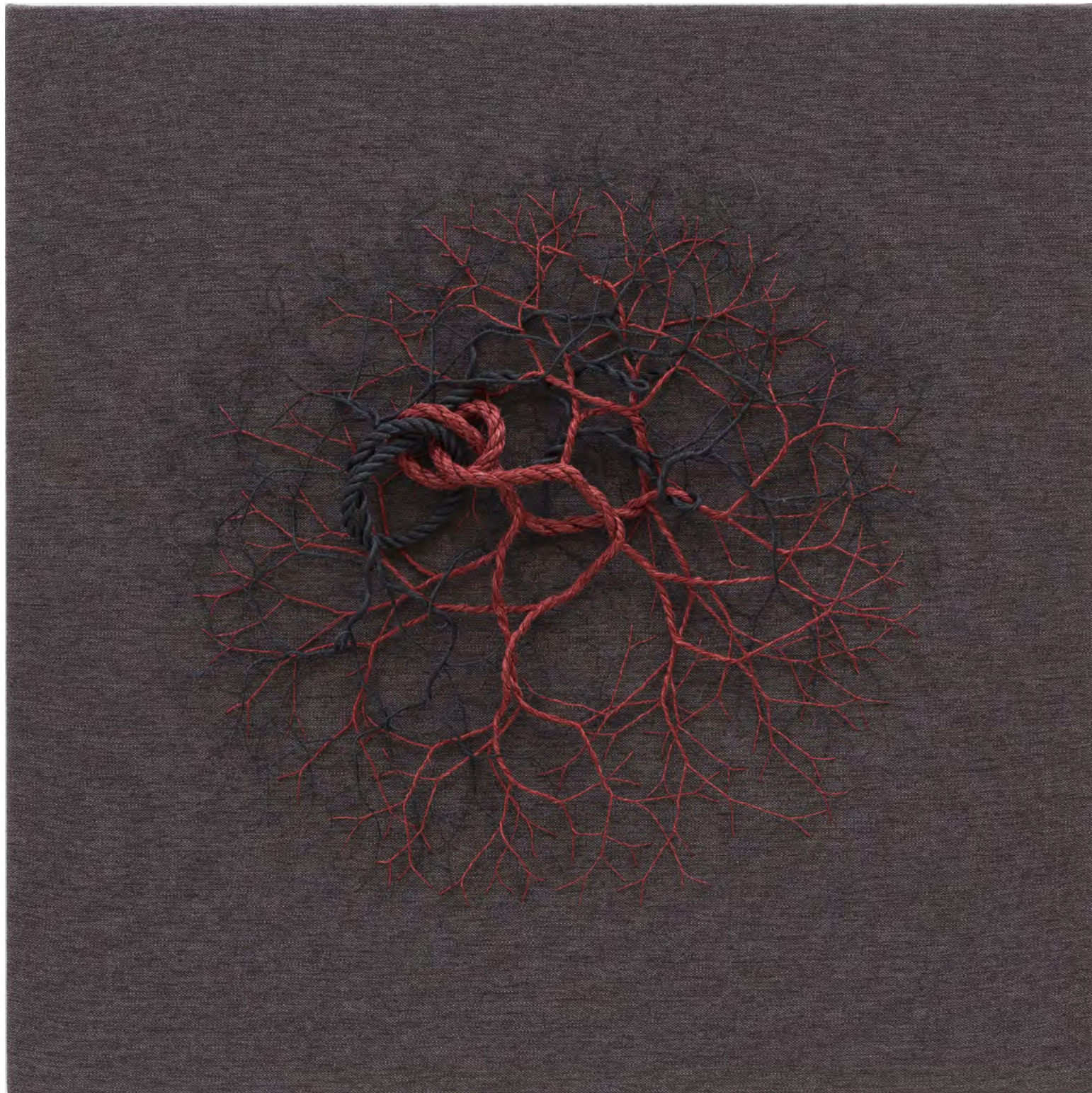
CICLOTRAMA 78 (aglomeração)

110 cm x 220 cm

2m de corda de nylon vermelha, 25mm de diâmetro sobre linho avermelhado.

2m of red nylon rope, 25mm diameter on red linen.

2017

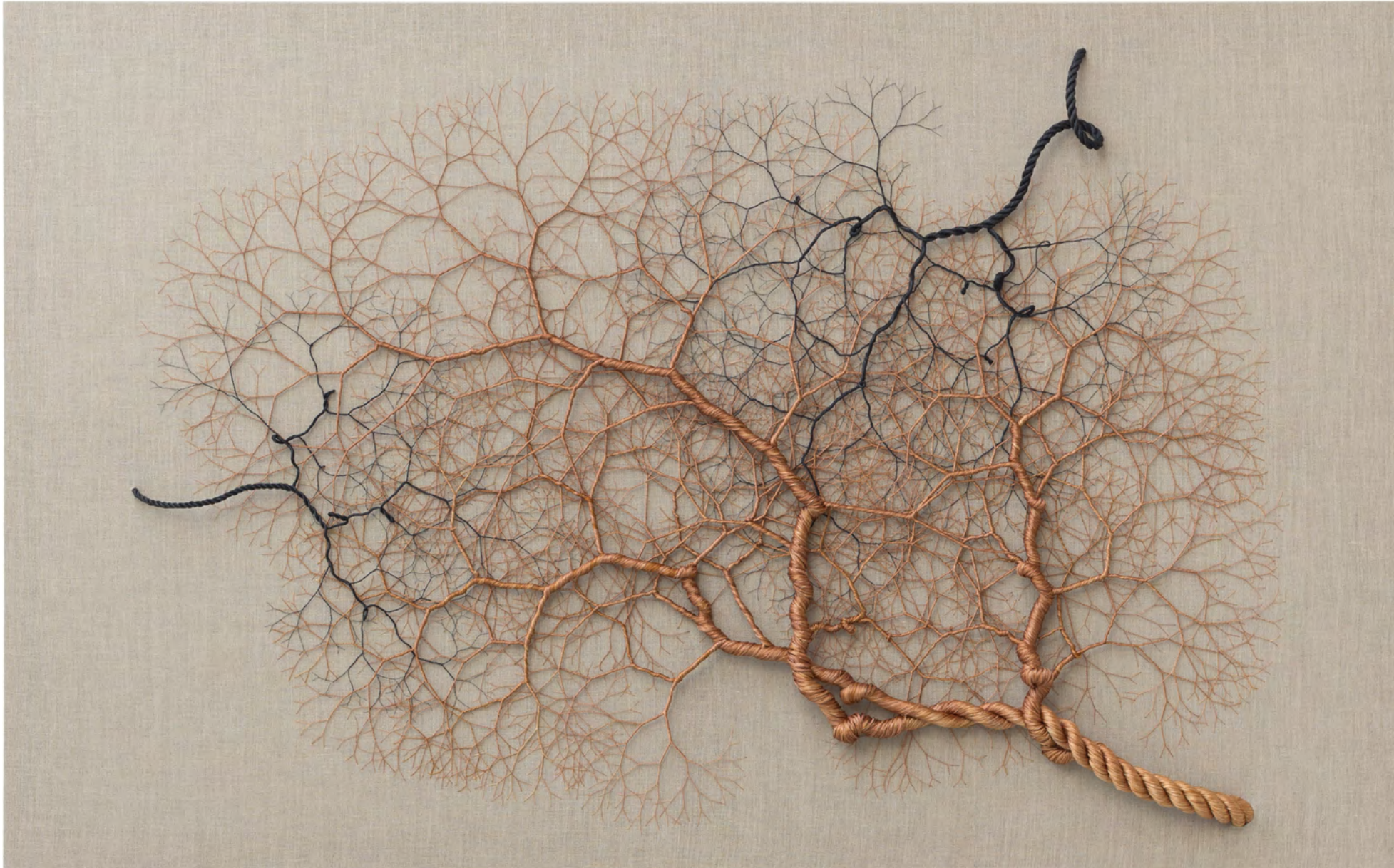


CICLOTRAMA 113 (aglomeração)
60 cm x 60 cm

1 corda vermelha de sisal
diâmetro 10 mm
1 corda preta de nylon
diâmetro 10 mm
sobre linho marrom

1 red sisal rope
diameter 10 mm
1 black nylon rope
diameter 10 mm
on brown linen

2018



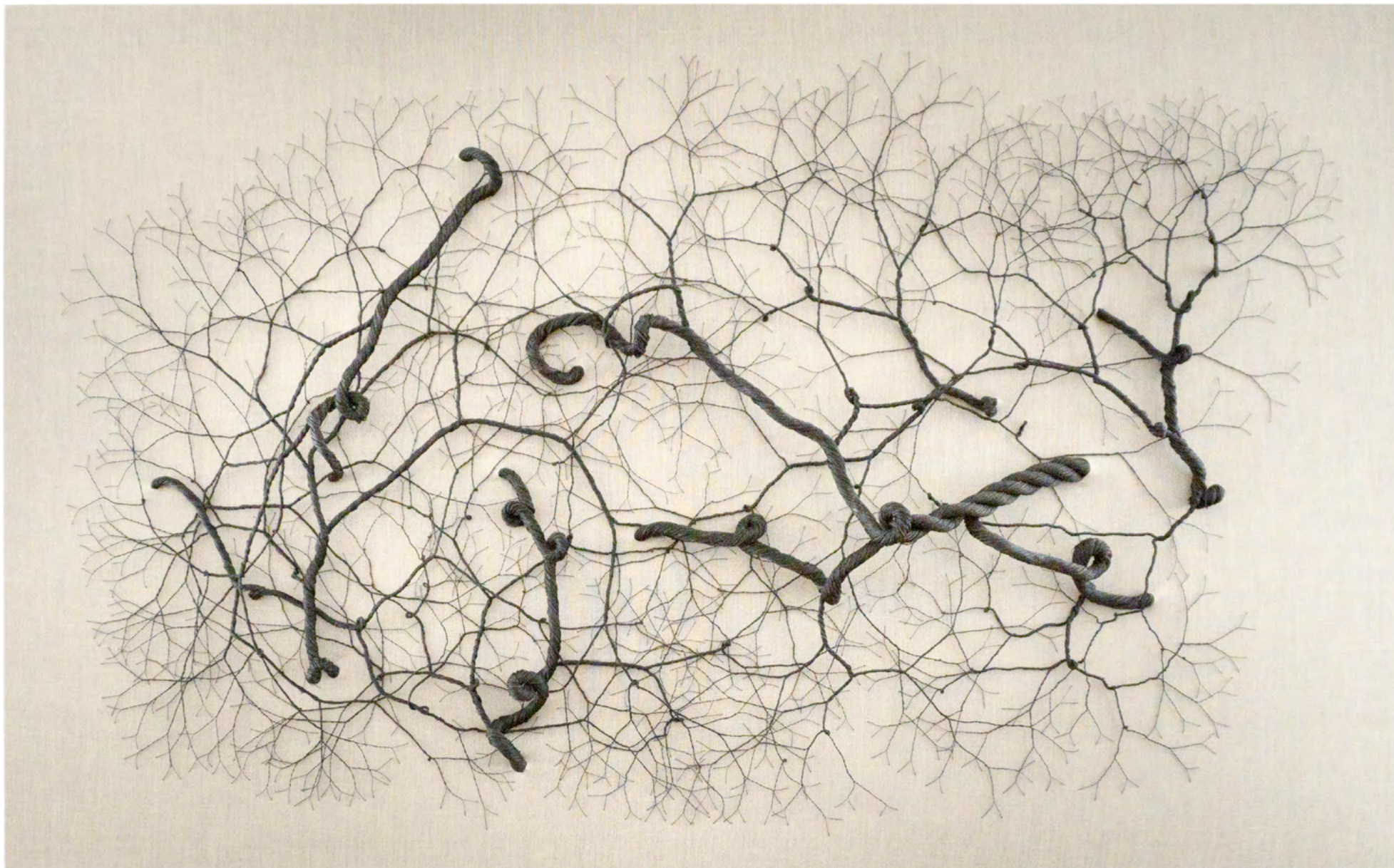
CICLOTRAMA 116 (aglomeração)

125 cm x 200 cm

cordas de nylon preta, 8mm e 12mm de diâmetro e corda de dipado cobre, 20mm de diâmetro sobre linho rústico

black nylon ropes, 8mm and 12mm diameter and dipado rope, 20mm diameter on raw linen

2018



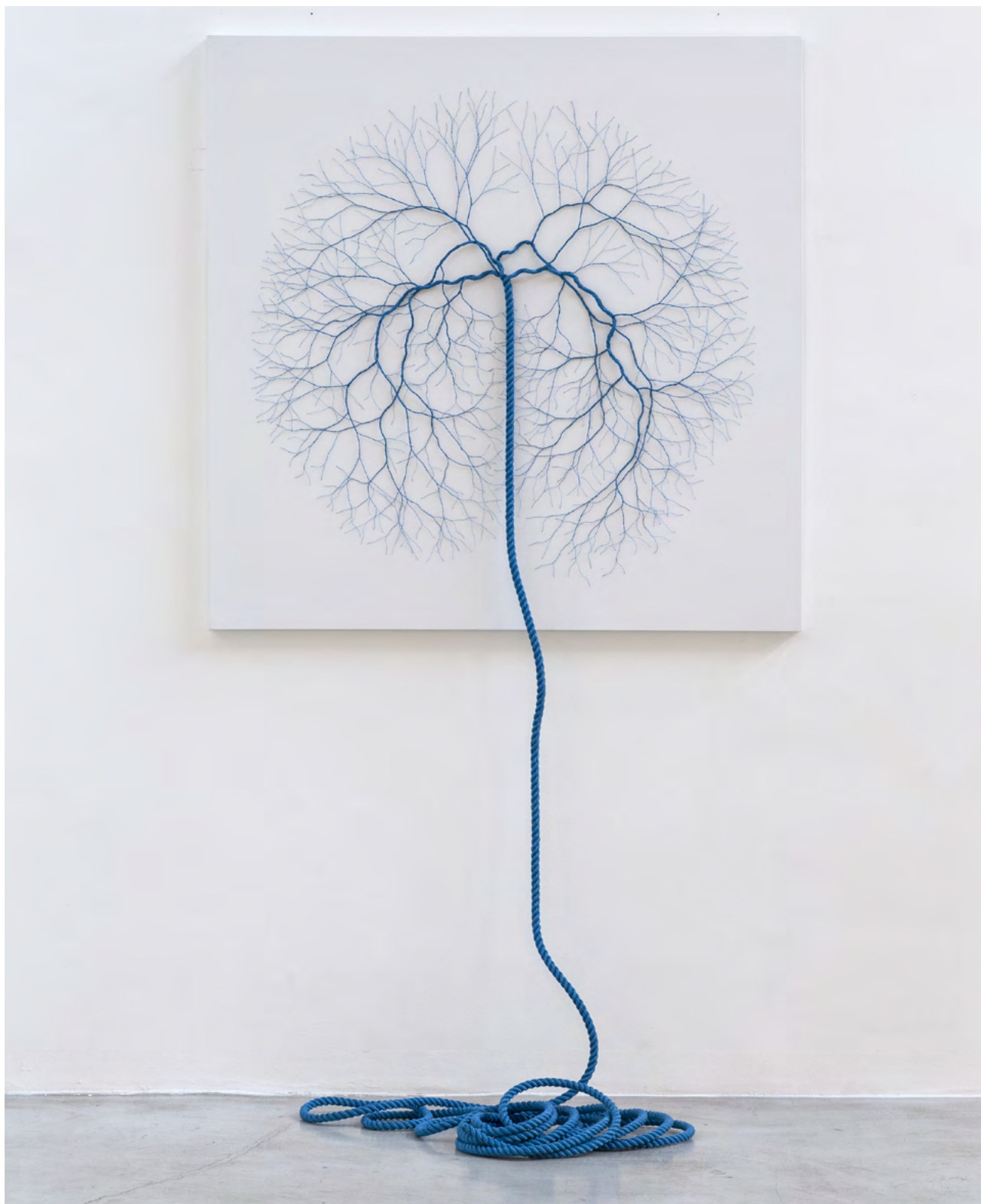
CICLOTRAMA 100 (descentralização)

125 cm x 200 cm

corda preta de dipado preto, 38mm de diâmetro sobre linho rústico

black dipado rope, 38mm diameter on raw linen

2017



Tudo começou com o exercício de unir fios, criando relações entre os indivíduos por meio de pensamentos matemáticos apropriados para guiar um sistema que denominei “Ciclotrama”.

A fisicalidade do trabalho dá a direção, a longa corda sai do chão e se desenvolve como uma erva trepadeira para se agarrar e integrar a tela, ou mesmo o espaço, como uma equação matemática é desenhada em um papel em branco. Essas são as Ciclotramas da série Impregnação.

Em 2017, o encontro com um livro Atlas Of Human Anatomy and Surgery e suas maravilhosas gravuras coloridas feitas por Nicolas Henri Jacob, no século 19, foram muito transformadoras, foi nesse momento percebi que estava trabalhando para atuar apenas na máxima Sintopia, mas o livro me revelou o lado oposto e Entrópico do mesmo sistema.

Se nas “impregnações” eu tecia de forma a deixar as ramificações aparentes com lógica e cuidado, agora essas mesmas estruturas começam a se acumular umas sobre as outras, gerando um trabalho que flerta com a concepção de “Rizoma”.

A natureza orgânica das formas arborescentes perde campo para as formas ainda orgânicas, mas agora como nos órgãos do corpo, como rins, útero, coração e assim por diante.

As cordas não são mais colocadas no chão, mas se tornam grossas e imponentes e crescem da tela, rasgando o tecido como uma pele.

Esta tela deixou de ser uma página em branco, passou a ganhar cor e textura naturais do linho, acrescentando outra percepção e dimensão ao trabalho, denominado agora como uma “Aglomeração”.

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2018

CICLOTRAMA 67 (impregnação)

120 cm x 120 cm

15 m de corda de nylon azul, 16mm de diâmetro sobre canvas

15 metros of blue nylon rope, 16mm diameter on canvas

2016

It all started with the exercise of joining threads, creating relationships between individuals through appropriate mathematical thoughts to guide a system which I named “Ciclotrama”.

The physicality of the work gives the way, where the long rope develops from the floor into to this climbing herb, where it grabs and integrate itself into the canvas or even the space just like a mathematical equation is drawn in a blank paper. These were the Ciclotramas of the Impregnação (Impregnation) series..

In 2017, I came across a 19th century book Atlas Of Human Anatomy and Surgery and its wonderful colored prints made by Nicolas Henri Jacob, were very transformative, where I understood I was only performing to the utmost Sintopia, but the book revealed to me the opposing and Entropic side of the same system.

If in “impregnações” I used to weave in a way of let the ramifications logically and carefully apparent, now this same branches begins to accumulate one on top of the other, generating a work that flirts with the “Rizoma” conception.

The organic nature of the arborescent forms lose field for the still organic forms but now as in the organs of the body, in the form of the kidneys, the womb, the heart, and so on.

The ropes aren't placed anymore on the floor, but thick and imposing, they grow from the canvas, ripping apart the fabric as a skin.

This canvas is no longer a blank page, now it gains natural color and texture of the linen, adding another perception and dimension to the work, named now “Aglomeração”. (Agglomeration)

Janaina Mello Landini, São Paulo, 2018





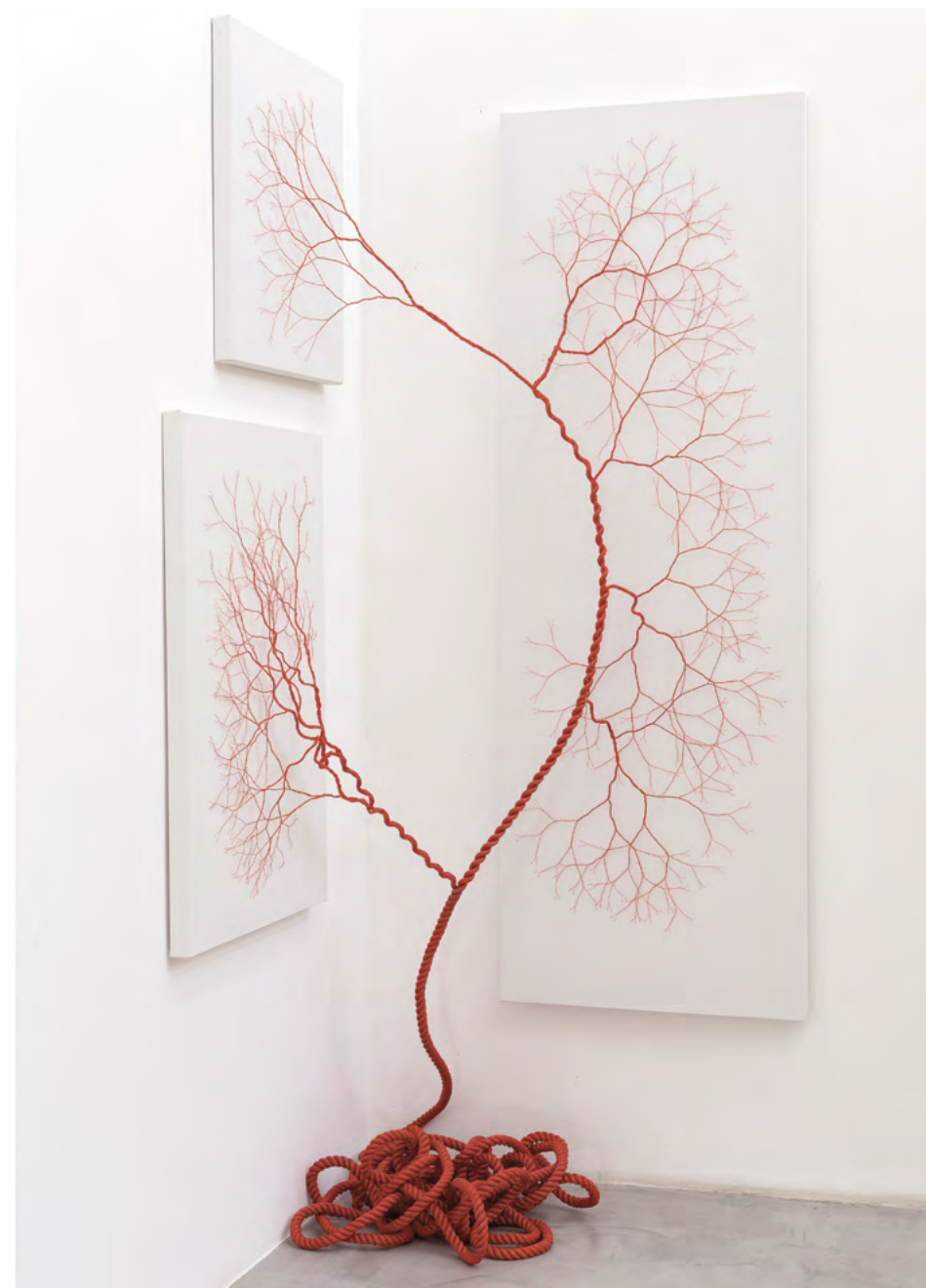
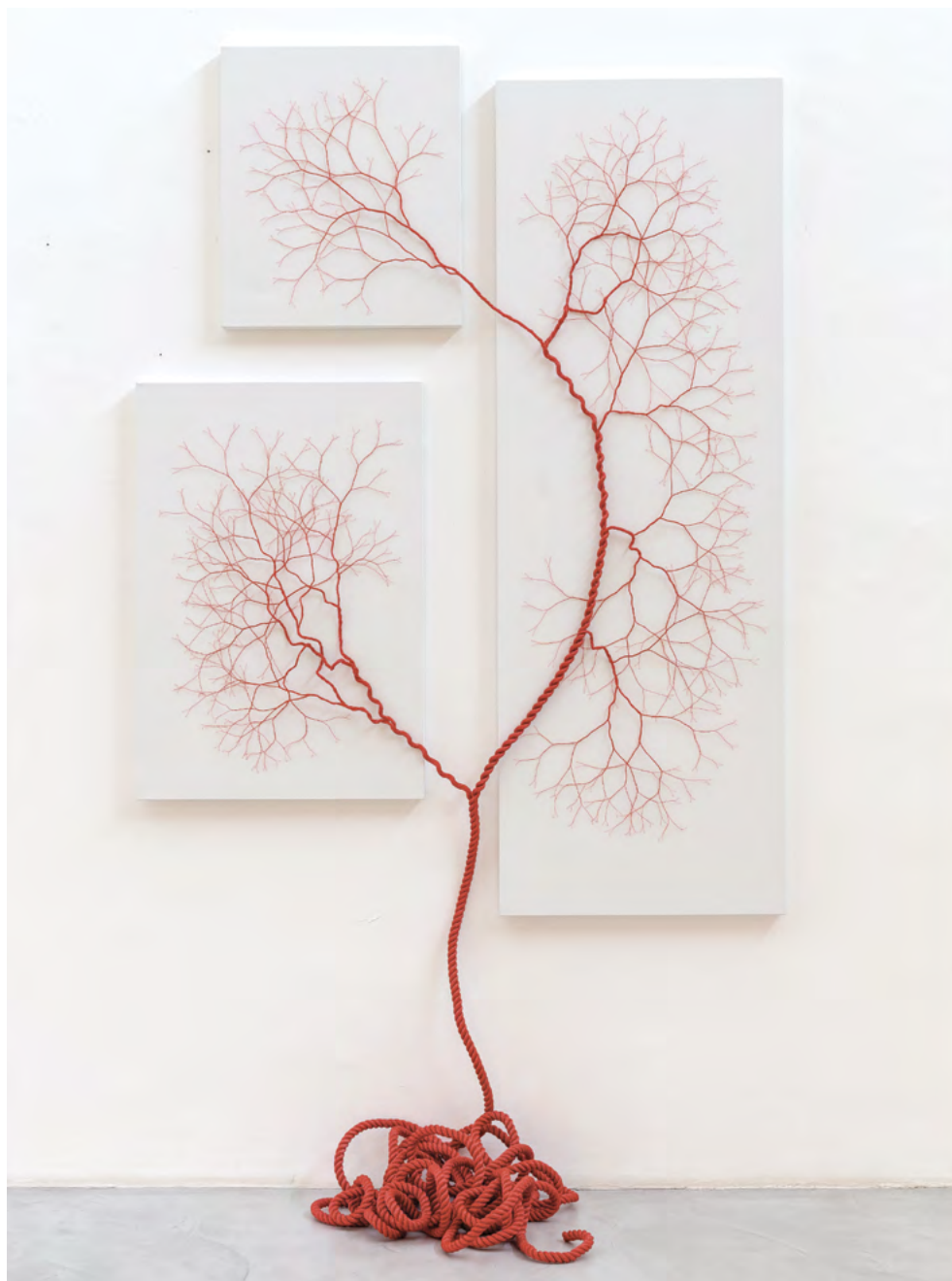
CICLOTRAMA 42 (impregnation)

120 cm x 480 cm triptych

25 m de corda de nylon vermelha, 24mm de diâmetro sobre canvas

25 m of red nylon rope, 24mm diameter on canvas

2016



CICLOTRAMA 166 (impregnação)

50 cm x 60 cm, 60 cm x 90 cm, 60 cm x 180 cm - triptych

15 m de corda de nylon vermelha, 18mm de diâmetro sobre canvas

15 m of red nylon rope, 18mm diameter on canvas

2019



CICLOTRAMA 13 (esperando Godot)

38 cm x 22 cm x 28 cm

Caixa de madeira e 1.380m de linhas de diferentes cores.

Wooden case and 1.380m of line in different colors.

2013



CICLOTRAMA 10 (tempo)
38 cm x 45 cm (x 3)

tríptico de fotografias
triptych of photographs

2012

CURRICULUM

JANAINA MELLO LANDINI

www.mellolandini.com

Mais informações, textos e vídeos no site.

Further information, texts and videos on the website.

SOLO EXHIBITIONS

2019

Aqui, agora. | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

2018

Aglomeracão | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

2017

Aglomeracão | Galeria Macca | Cagliari | Italy

2016

Labirinto Sintrópico | Zipper Galeria | São Paulo | Brazil

Ciclotrama – Projeto Ocupa Coreto |

Museu da República | Rio de Janeiro | Brazil

2015

Ciclotramas | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

Ciclotrama (medusa) | Galeria Macca | Cagliari | Italy

Ciclotrama (onda) | Zipper Galeria | Sao Paulo | Brazil

2011

Paisagens | Desvio | Belo Horizonte | Brazil

2010

Ciclotrama | Espaço 2010 | Belo Horizonte | Brazil

GROUP EXHIBITIONS

2019

Ciclotrama (Matupá) | Special Comission from The Centre-Loire Valley Region | Domaine de Chaumont-Sur-Loire | France

Ciclotrama (Link) | Facebook Art Program | Menlo Park | USA

“Faux semblants” | Musée du Textile de Cholet | France

SP Arte Open Space | Parque do Ibirapuera | São Paulo | Brazil

Champs Libres | MAIF Social Club | Paris | France

MATERIAE | Galerie Virginie Louvet | Paris | France

Da linha, o fio | Galeria do BNDES | Rio de Janeiro | Brazil

2018

Monumental Marina da Gloria | Rio de Janeiro | Brazil

Sea of desire | Fondation Carmignac | Porquerolles | France

The BIC collection | Cent Quatre | Paris | France

2017

Rijswijk Textile Biennial | Rijswijk | Netherlands

Tejidos | Galería Otros 360 | Bogotá | Colombia

The Best Bogus Botanical Garden | Hamburg | Germany

Um.Artista | Soma Galeria | Curitiba | Brazil

2016

Double Je | Palais de Tokyo | Paris | France

Cantata | Centro Cultural Minas Tênis Clube |

Belo Horizonte | Brazil

Vertice | Centro Cultural dos Correios | São Paulo | Brazil

2015

Vertice | Centro Cultural dos Correios | Brasilia | Brazil

“43 visions of Fuji Mountain by Contemporary Brazilian

Artists” | The Fine Art Laboratory | Art University of

Musashino | Tokyo | Japan

2014

Art for Florence – 5.0 Edition | Firenze | Italy

Duplo Olhar | Paço das Artes | Sao Paulo | Brazil

Entrecopas | Museu nacional | Brasilia | Brazil

Jardim de Adelia | SESC Palladium | Belo Horizonte | Brazil

2013

32º Arte Para | Belem | Brazil

4º Prêmio Belvedere de Arte Contemporanea | Paraty | Brazil

72º SAAP - Salao Ararense de Artes Plasticas “Antonio

Rodini” | Araras | Brazil

2012

@Nova Cultura Contemporanea | CentoeQuatro | Belo

Horizonte | Brazil

2011

Vivo Arte.Mov | Palacio das Artes | Belo Horizonte | Brazil

Quarto das Maravilhas | Galeria Emma Thomas |

Sao Paulo | Brazil

Pequenos Formatos | Galeria Subterranea |

Porto Alegre | Brazil

2010

Deserto Azul Estudio Aberto | CCBB Centro Cultural Banco do

Brasil | Brasilia | Brazil

The Creators Project Brasil | Vice NY Space |

Galeria Emma Thomas Sao Paulo | Brazil

Photo: Yasmim Castro

